

CONVERGÊNCIA

Novembro — 1971 — Ano IV — N.º 40

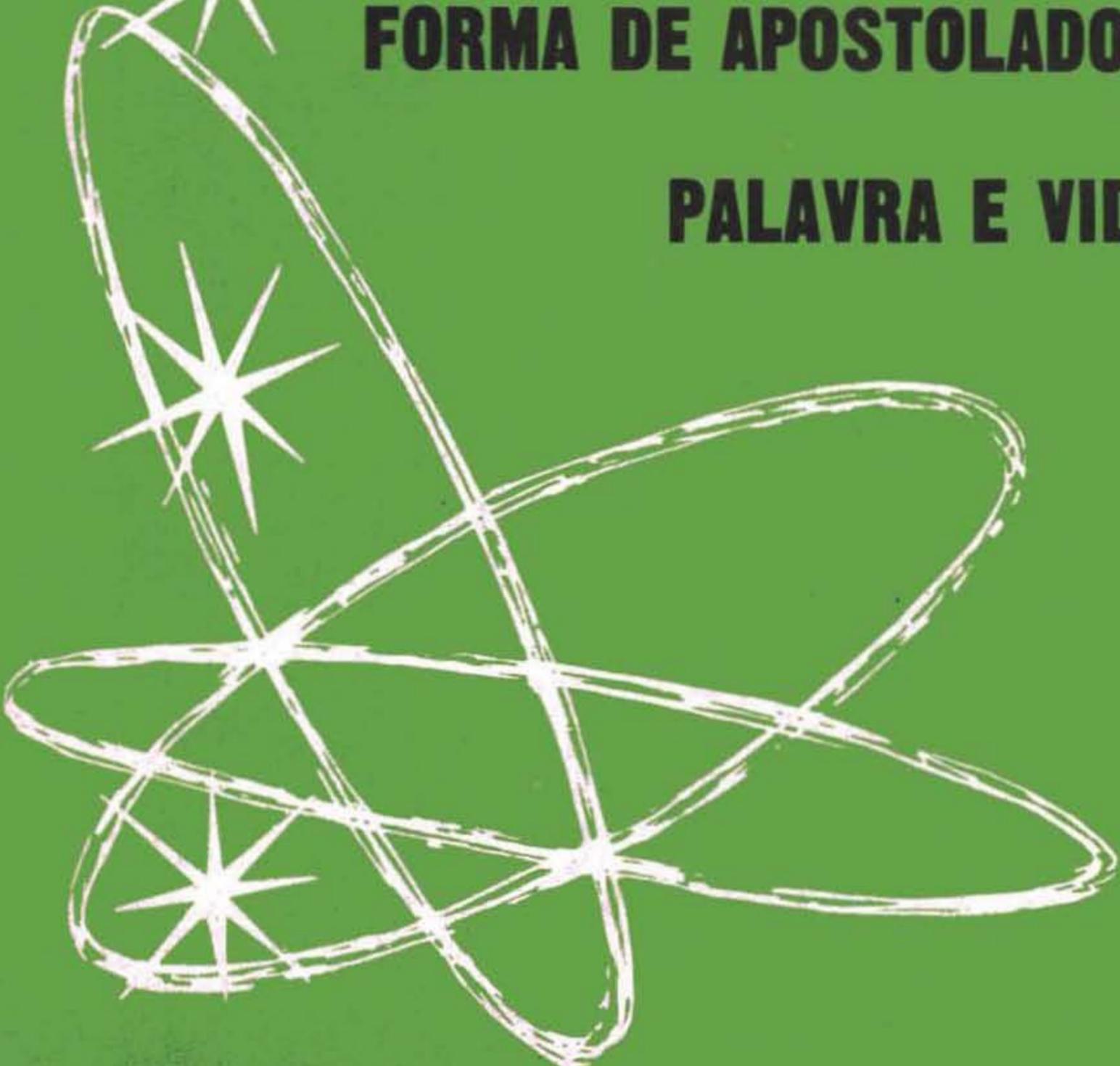


**A ORAÇÃO
TÍPICAMENTE MONÁSTICA**



**VIDA RELIGIOSA:
FORMA DE APOSTOLADO**

PALAVRA E VIDA



CONVERGÊNCIA — Revista da
C. R. B.

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Av. Rio Branco, 123 — 10.º andar
Rio de Janeiro (ZC-21) GB
Enderêço telegráfico: Conferência
Rio

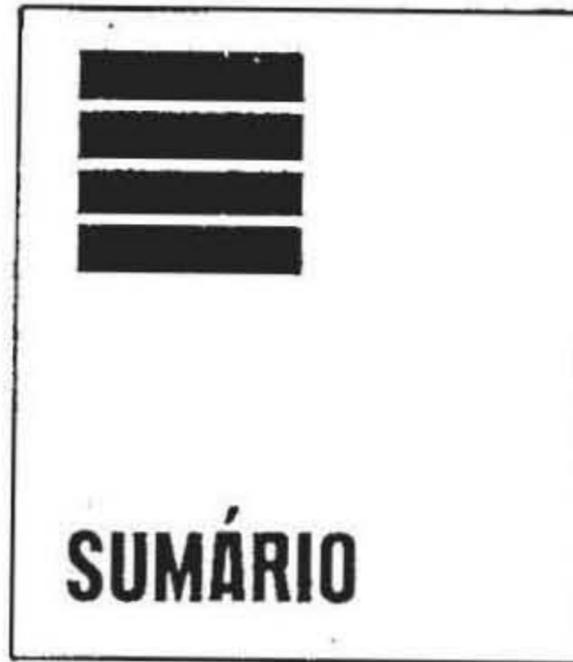
Assinatura para 1971:

Brasil	Cr\$ 25,00
Exterior	US\$ 10,00
Avulso	Cr\$ 2,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173 — Rio de Janeiro — GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ.



◆ EDITORIAL	1
◆ VIDA RELIGIOSA, FORMA DE APOSTOLADO	2
Daniel Jouffe	
A vida religiosa é um meio ou uma forma de apostolado? Alguém se faz religioso para exercer melhor as tarefas apostólicas? Ou por outros motivos mais decisivos? Os religiosos, por este mesmo fato de serem religiosos, assumem na Igreja uma missão que ninguém pode exercer em seu lugar.	
◆ EXPERIÊNCIA	10
Religiosas em encontro ecumênico, Ir. Mariângela del Vale . "O que nos une é infinitamente superior àquilo que nos separa," disse João XXIII.	
Quando a vida religiosa torna-se, de verdade, um empenho, Um Grupo de Irmãs Lauritas . Reflexões comunitárias sinceras, às vezes, desapiedadas, a respeito do modo de viver a própria vida religiosa no mundo de hoje. Um documento corajoso, polêmico, porém, estimulante.	
◆ LECTIO DIVINA, ORAÇÃO TÍPICAMENTE MONÁSTICA	14
Etienne Gillard escreveu. Maucyr Gibin adaptou.	
A meditação monástica consiste em ler um texto e aprendê-lo de cor, isto é, de coração, com o corpo. Os lábios o pronunciam. A memória o retém. A inteligência apreende o sentido. A vontade leva à prática.	
◆ LIVROS RECEBIDOS:	● Editora Vozes Ltda. 4, 5, 6, 7
	● Editora Herder 21
	● Edições Paulinas 22
◆ PALAVRA E VIDA	25
Irmã Carmen Maria, Religiosa do Sion	
Pela Escritura a imagem de Deus parece tão difícil de aceitar. Javé parece um Deus nacional, confinado na Palestina. Como pode a Escritura tornar-se para nós a Palavra Divina? Tudo que parece discutível, inexato, impreciso na Escritura mostra mais claramente o longo caminhar da humanidade para a Palavra Encarnada, Cristo.	

Deus falou. Manifestou-se. Revelou-se como quis. Fêz tudo isto em atenção ao homem. Proporcionou-se. Traduziu-se ao ritmo do homem. Por isso mesmo, respeitou as concepções, as limitações, as condições de tempo e de linguagem dos porta-vozes que escolheu.

E, no entanto, falou no tempo a Palavra eterna para todos os tempos.

Por séculos, o Povo de Israel e o Povo Cristão reescutaram a Palavra do Senhor.

Nas mais variadas faixas da história, sintonizou o homem a mensagem da Revelação. Deus lhe fala sempre e novamente. Mas cabe ao homem retraduzir com fidelidade, para si, para seu tempo, a Palavra de SEMPRE dita em termos de outros tempos.

Tentando ajudar-nos neste esforço, dois artigos do presente número nos iniciam nos mistérios da "Palavra e Vida" e nos reapresentam a novidade de um antigo método de gostar e interiorizar a "Lectio Divina".

Ler se faz orar.

Ouvir leva a dialogar.

Deus fala. O homem escuta e responde. Mas a PALAVRA que se fêz HOMEM foi enviada pelo Pai a serviço dos homens. Ele veio para servir.

E não para ser servido. Servir é a intuição e a aspiração fundamental de todo apostolado. A vida religiosa é em si mesma uma forma ou um meio de apostolado? A presença da vida religiosa na Igreja é ela, por si mesma, um serviço apostólico?

Daniel Jouffe aprofunda o tema.

Como ouvir? Como falar? Como ser apóstolo num mundo pluralista, secularizado, difícil e complexo? Como traduzir em vida no tempo de hoje a mensagem e o convite do Senhor em outros tempos?

Interrogação e desafio. Qualquer resposta só pode ser dada na sinceridade da fé e do amor. Ela virá sempre marcada pela limitação do homem que a procurou e do tempo em que a encontrou. Neste sentido, toda vida na escala humana será sempre uma EXPERIÊNCIA.

CONVERGÊNCIA refere aqui duas "experiências" apresentadas por aquelas mesmas que a vivem. Desejaríamos poder relatar outras muitas. Não damos sobre elas juízo de valor.

Simplesmente fazemos falar aqueles que vivem. Quem VIVE escreva-nos. Talvez seja por aí que o Senhor nos falará de novo.

P. Marcello de Carvalho Azevedo
Presidente Nacional da CRB



EDITORIAL

Problemas ambíguos

Esta questão é importante porque leva a determinar em nome de quem damos valor à nossa própria vida religiosa. A resposta que cada um der permite ou não permite resolver bom número de problemas práticos que se levantam ao religioso. Por que não faço catequese? Por que não visito as favelas? Por que não vou além dos limites de minha cozinha ou de meu escritório? Não sou capaz de uma vida — que gostaria — totalmente dedicada ao apostola-

— A vida religiosa é um meio ou uma forma de apostolado?

— Alguém se faz religioso ou religiosa apenas porque a vida comum oferece as melhores condições para exercer as tarefas apostólicas às quais quis consagrar sua vida? Ou, nos fizemos religiosos ou religiosas por outros motivos mais decisivos?

A disponibilidade que garantem os votos, a vida e o trabalho em comum, a ajuda mútua e a organização que daí decorre permitem assumir com uma eficácia inigualável as tarefas ordinariamente assumidas pelos religiosos: educação, assistência aos doentes e os mais diversos serviços da Igreja que lhes são confiados. A vida religiosa libera, em todos os sentidos da palavra, para o apostolado. É fácil verificá-lo na prática, como ainda é fácil mostrar na realidade o que não corresponde a este ideal. Mas não é bem neste plano que nos queremos enquadrar neste artigo.

Precisamos aprofundar esta questão: É a vida religiosa somente um meio privilegiado de exercer o apostolado a que todo cristão é convocado, ou ela se constitui, em si mesma, uma forma específica deste apostolado? A vida religiosa é simplesmente uma posição que oferece as melhores condições de ser apóstolo ou ela é, em si mesma, uma maneira de proclamar o evangelho, de anunciar ao mundo a boa nova da salvação, independentemente das tarefas para as quais libera?

VIDA RELIGIOSA: FORMA DE APOSTOLADO

Daniel Jouffe
Icre — Fortaleza

Chega-se sempre a um momento em que é urgente ter consciência da própria vida, especialmente quando ela se localiza no inverso da corrente por onde navega a maioria dos homens. É preciso ter então a capacidade de dizer em termos simples e compreensíveis, o que temos no coração. Aparecem então as maiores oportunidades de revelar aos outros a riqueza e o mistério que habitam, nutrem e dinamizam nossa vida.

do? Não se poderia modificar os horários, mudar os encargos, contanto que pudesse fazer apostolado? Quem não conhece religiosos angustiados porque pensam que não fazem apostolado!?

Em certos casos, a crise vai muito além, pondo em jôgo a própria vocação. Se eu tivesse ficado no mundo, não teria mais oportunidades de fazer o bem? As mães de família não são mais apostólicas do que eu (ou nós)? Isto que fazemos: educação, enfermagem, outros também o fazem e, parece, melhor do que nós!

Missão Insubstituível

Eis porque nos perguntamos: Reconhecemos na vida religiosa, em si mesma, um valor apostólico, antes mesmo de qualquer referência aos trabalhos para os quais nos liberta? Colocando o problema em termos mais objetivos que subjetivos, queremos ver se a Igreja tem razões para considerar a vida religiosa como meio único e insubstituível de anunciar o evangelho ao mundo.

A vida religiosa é, de fato, preciosa para a Igreja, tanto que ela libera totalmente para o serviço do evangelho centenas de milhares de pessoas no mundo pela consagração dos votos. Reconhecemos, por ser um dado evidente, que milhões de outros cristãos, cooperam também no serviço do reino de Deus e de maneira muito eficaz. O que queremos dizer, contudo, é que os religiosos, pelo mesmo fato de serem religiosos, apresentam uma maneira própria de anunciar o evangelho e assumem assim, na Igreja, uma missão que ninguém pode exercer em seu lugar.

— Como exercem e em que consiste esta missão?

Para responder — é evidente — tocaremos a essência da vida religiosa. O que todos reconhecemos não se poder definir. Mas não queremos definição. Somos mais empíricos e pragmatistas. Vamos colocar nosso ponto de partida nas formas da vida religiosa, mais comuns e mais gerais: vida comum, os votos, a oração, os serviços. Não incluiremos tôdas estas formas em nossa análise, porque sôbre certos temas, se poderiam escrever livros. Contentar-nos-emos com alguns exemplos que orientarão a reflexão sôbre outros pontos.

Mensagem e Linguagem

Vamos tentar descobrir a mensagem dos religiosos ao nosso tempo, decifrando a linguagem da vida religiosa. Por que a mensagem não

é hoje entendida? Não será porque a linguagem é incompreensível? Se os religiosos têm necessidade de se reformar, não será porque sua mensagem não é mais válida. Válida é, e muito. Há, porém, necessidade de traduzi-la numa linguagem nova. Falando de linguagem, pensamos, de imediato, nas palavras e nas explicações, mas trata-se, antes de tudo, da linguagem da vida. Nosso modo de viver tem um sentido. Ele quer dizer alguma coisa. Alguma coisa que eventualmente poderá se explicitar por palavras, mas que é anterior a tôdas as palavras que dizemos. É algo de mais fundamental.

Vida fraterna

Partamos de uma realidade concreta. Alguém um dia me fez esta reflexão e esta observação: "Gosto muito de freqüentar a casa daquelas irmãs. É uma satisfação vê-las viver em comum." Certamente se pode fazer a mesma reflexão também a respeito de um lar cristão que se preza. Seria uma coisa lógica. Mas referindo-se expressamente a religiosas, o caso é diferente. Não se trata de pessoas que se puseram a viver em comum, fundamentadas numa base de amor humano, mas de um outro amor, vindo do além.

O fato em si mesmo faz pensar. "Não são irmãs pelo sangue e se chamam irmãs. E, com freqüência, são mais íntimas, mais dedicadas umas às outras do que se fôsem realmente, filhas do mesmo pai e da mesma mãe."

É um fato nôvo cujo testemunho a vida religiosa renova ao relacioná-lo com aquilo que normalmente se vive no mundo. Desde o momento em que o Filho de Deus apareceu no meio dos homens, sofreu, morreu e ressuscitou, para que os homens se reunissem e vivessem uma vida nova, surgiu no seio dêste mesmo mundo, uma possibilidade de fraternidade universal. As múltiplas e enormes barreiras que separam e dividem os homens — barreiras raciais, sociais e nacionais — de repente não mais se revelaram intransponíveis.

Certa vez eu disse a um engenheiro, altamente qualificado, que abandonara sua carreira para entrar num mosteiro:

— Por que você abandonou uma carreira onde poderia servir brilhantemente, para enterar aqui sua competência onde não servirá a ninguém?

Ele havia abandonado tudo só para viver uma fraternidade íntegra com outros companheiros, de origem, muitas vêzes, bem mais modesta. Abandonara, é claro, por outros valores ainda, sôbre os quais diremos alguma coisa mais adiante.

A vida fraterna com aquele que nenhum parentesco tem comigo, nem foi meu vizinho, é o fruto mais puro do evangelho. Onde o evangelho se implantou, ele floresce. A vida fraterna é sinal mesmo de que o evangelho é vivido. Mas esta vida fraterna se realiza e se manifesta de maneira diferente numa paróquia, num grupo de casais cristãos, num grupo de cristãos que colocou **alguma coisa** em comum, e numa comunidade religiosa onde **tudo** é colocado em comum. De todas as realidades que a Igreja gerou, esta é a mais radical, a mais total, e por isso mesmo, a mais impressionante.

Este ideal, entretanto, não passa automaticamente para a prática. Ele exige uma busca constante. Muito esforço e uma conversão permanente de vida. É a fase para a qual caminha a vida religiosa, mostrando assim a rota e a trajetória para o resto do povo cristão. Neste ponto é que a vida religiosa tem a sua vocação apostólica. A Igreja não tem necessidade de comunidades religiosas só para satisfação de algumas pessoas que aí encontrariam os benefícios de uma vida intensamente fraterna, mas para indicar a todos os homens o caminho que precisa ser o caminho da humanidade toda. Ela não quer anunciar aos homens, simplesmente que eles são irmãos, quer mostrar, sobretudo, realizações desta fraternidade, desta irmandade.

A vida religiosa é o mais característico, o mais exemplar destes modelos. Homens e mulheres que a adotam não têm outra razão de fazê-lo a não ser a mesma fé comum em Jesus Cristo, a mesma esperança e o mesmo e idêntico amor que os aproxima e os une. Não se uniram por alguma força social ou natural, mas pelo único espírito que vive neles e pela escolha espontânea em obedecer-lhe. O simples fato de viver assim reunidos manifesta o mistério que vive neles.

Procurar novas formas de vida em comum

Esta é a mensagem. Mas é preciso reconhecer que nem sempre é transmitida. Por que? Não só porque a vida real sofre os impactos da fraqueza humana — quem se aventura a viver este ideal são criaturas como as demais — mas também a maneira de vivê-la já não tem mais sentido para nossos contemporâneos.

Os jovens de hoje dos países mais desenvolvidos e mais industrializados procuram nas comunidades **hippies**, as compensações de uma vida fraterna frustrada. Eles não se dirigem às comunidades dos religiosos. Parece, pois, que aquilo que pesa seja a solidão, e aquilo que os anima seja a sede de vida em comum.

LIVROS RECEBIDOS

EDITORA VOZES LTDA.
RUA FREI LUÍS, 100
CAIXA POSTAL, 23
PETRÓPOLIS — R J

PSICOLOGIA DA CRIATIVIDADE, de Maria Helena Novaes. Ano 1971. Páginas 130.

Há certos temas que, em determinado momento da evolução cultural da sociedade, tornam-se temas mágicos na solução de todos os problemas e nem sempre estes temas são submetidos ao indispensável rigor da análise científica. É o que tem acontecido, por exemplo, com a questão da criatividade.

O apelo à criatividade virou, do dia para a noite, um "deus ex-machina", seja em se tratando de Arte, Ciência, Educação, Política, Administração, ou Relações Públicas. Com que facilidade se usa este nome sagrado em vão... dando margem a longas dissertações, em geral carentes de embasamento científico.

Sem dúvida, a criatividade constitui o fator principal na preservação da autenticidade do homem, sendo esta autenticidade o que garante a verdadeira e duradoura comunicação. Por outro lado, como salienta Maria Helena Novaes, "a criatividade é função da relação transacional entre o indivíduo e o meio em que vive," com maiores implicações numa época em que a produção em série, sob a magia da automação, desafia a capacidade criadora existente em todos nós a superar-se, humanizando as inovações da técnica.

O movimento no sentido de estimular a criatividade no processo educativo alcança expressão nacional. Chegou o momento em que a ânsia de criatividade precisa merecer necessária revisão, a fim de clarificar conceitos, efetuar análises metodológicas e comportamentais, de modo a libertar o trabalho educativo das formas estereotipadas.

Para estas tarefas, a contribuição de Maria Helena Novaes é da maior oportunidade. Familiarizada com as pesquisas científicas que se desenvolvem neste campo, alia à sólida formação teórica a práxis do labor educativo em sua especialização, a Psicologia Escolar.

Neste livro, Maria Helena Novaes reflete sobre a problemática da criatividade, sistematiza idéias, princípios, examina métodos e so-

bretudo estimula educadores, sociólogos, artistas, cientistas, administradores, a uma elucidação fecunda e efetivamente criadora.

Maria Helena Novaes é psicóloga do Ministério da Educação e Cultura e do Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas, Professora associada da PUC-Rio e da Faculdade de Educação da Universidade Santa Úrsula e da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO, ACONTECIMENTO, MISTÉRIO, CATEQUESE, de Joseph Ponthot, Paul Hitz, Pierre Watté, Herman Lombaerts, Caritas Jerlinski. Ano 1971. Páginas 130.

A verdade de fé que empolgou ao máximo a comunidade primitiva dos cristãos, que fez mártires, que fez vinte séculos de história cristã, que fez São Paulo dizer "se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa fé," está recebendo atenção renovada por parte da Igreja a partir do Vaticano II.

Os textos do Vaticano II evocam assiduamente este mistério da Páscoa, pois é o mistério central de nossa fé. Inspirados pelo Concílio, a Igreja e os cristãos fazem hoje imenso esforço de presença aos homens e ao mundo. Mas o que é que o mundo espera da Igreja e dos cristãos?

Num primeiro plano, sem dúvida, uma tomada de posição pela melhoria das condições do homem, pelo incremento de maior justiça, bem-estar e progresso. Todos querem ver na vida cristã uma vivência fraterna, sem opressões, sem explorações. Querem ver aquele amor de Cristo atuante, que chegou ao extremo de entregar-se à morte.

Mas o que o mundo espera também da Igreja e dos cristãos é o anúncio, pelo testemunho da vida e das palavras, do Cristo Ressuscitado. Isto é, o evangelho do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo Nosso Senhor. Este evangelho é simultaneamente todo o objeto da revelação cristã e o sentido decisivo da existência humana.

O presente volume quer ser uma contribuição nesta linha. O conjunto destas reflexões de diversos autores sobre o mistério do Cristo Ressuscitado responde a um apelo do momento. O mistério de Cristo clarifica de sempre novo e maravilhoso realismo a nossa natureza e revela o nosso destino futuro.

Não ganhariam algo mais se se dirigissem a um mosteiro ou a convento? Não encontrariam aí aquele tipo de vida fraterna que buscam. Estes jovens não rejeitam a vida fraterna radical. Rejeitam sim, a maneira como ela é praticada, é vivida.

E nós, não poderíamos também perguntar: Não poderemos viver de maneira comum e de estilo **hippie**? Os hippies são apenas um caso entre outros que está a nos dizer que não sabemos mais dizer aos homens de hoje como viver como irmãos. Viver como irmãos é mensagem dos religiosos, mas a linguagem pela qual é comunicada é de outra época.

Para começar, não aprendemos viver como irmãos se nos comparamos a eles. Até bem pouco tempo havia religiosos que não tomavam refeições em presença de pessoas estranhas. Hoje estas pessoas estranhas já se assentam à mesma mesa. O que é um grande progresso. Muitas outras realidades estão caminhando para a mesma direção. Depois de tantos séculos de vida segregada, os religiosos, especialmente as religiosas, desconhecem ainda como vive o resto dos homens. Tem uma maneira religiosa não só, de vestir, mas de falar, de andar, de comer. Supondo que a vida de comunidade tenha sido excelente, pode-se dizer, entretanto, que a comunicação não o foi. A vida se desenvolveu à distância. Atrás dos muros do convento. Afinal não é somente para fazer apostolado que é bom viver assim, mas para mostrar o que temos de mais belo a ser revelado: como é bom viver como irmãos, como irmãs.

As comunidades cristãs precisam deste espetáculo para realizar uma vida fraterna. As paróquias precisam. Os lares cristãos precisam se querem ultrapassar as formas humanas e ir além deste amor. "Maridos, amai vossas esposas como Cristo amou a Igreja". Para muitos não se trata de realizar ou de entender, mas de viver simplesmente o ser religioso ou religiosa. O que está ao alcance de todos. E é nossa função.

Os votos, gesto profético

Tomemos agora o caso dos votos, sem analisar um por um. Seria longo demais. Sublinhemos um valor que lhes é comum. Os votos são apresentados, com frequência, sob o aspecto de renúncia. Queria agora apresentá-los sob o aspecto de contestação que os caracteriza. Não se trata apenas de querer colocar os votos na moda, atribuindo-lhes um valor contestatório, mas de reconhecer o sentido profundo que eles têm na sua origem, naquilo que querem dizer, a mensagem que contêm.

Renunciar aos próprios bens, renunciar à família que se poderia fundar, renunciar à liberdade de dispor de sua vida como poderia, não é somente, já no primeiro instante, um sacrifício para aquele que renuncia, mas um **protesto** muito evangélico contra o fato de atribuir valor absoluto a todos estes bens. É proclamar seu caráter relativo. Estes bens são bens. Não lhes renunciamos porque podem ser males, mas porque são bens temporários e para mostrar bem que sendo passageiros um dia deverão desaparecer. "Passa a figura deste mundo", 1 Cor 2,31.

Na escolha voluntária da pobreza, da castidade, da obediência, está contida uma contestação. A denúncia da ilusão que consiste em confundir o relativo e o passageiro com o absoluto e o definitivo. Os bens terrenos não sendo bens definitivos não podem ser avaliados como se pudessem nos dar a salvação. Não somente porque um dia deveremos morrer e então eles não nos servirão para nada, mas antes mesmo da morte, se são sobrevalorizados impedem-nos de ver o essencial. O rico, aquele que se deleita em seus bens materiais, aquele que não vive senão para eles, fecha o coração ao irmão. Cessa de estar disponível. Lázaro pode morrer à sua porta. Ele nem perceberá. Sua riqueza o torna incapaz ao Reino de Deus. "Vende o que tens. Dá-o. E segue-me" (Lc 18,22), diz Jesus ao jovem rico. Ele não vendeu nada. Alguns venderam e vendem. E muitos, de maneira radical e total.

Deixar todos os bens e seguir Jesus. A escolha da pobreza religiosa é a maneira mais radical de realizar esta verdade. Escolha profética, aviso endereçado aos homens que vivem de olhos fixos sobre o movimento da Bolsa, sobre os planos do reino econômico, ou simplesmente sobre o conforto crescente de sua própria casa. Estes prestam culto a ídolos. A ganância de lucros não os salvará. Pelo contrário, perdê-los-á. E o pior, levá-los-á a perder os irmãos. Temos de escolher entre Deus e o dinheiro. Não se pode servir a dois senhores. Renunciando a dispor de seus bens, ou se desfazendo deles totalmente, o religioso anuncia aos homens a mensagem da salvação.

Pelo radicalismo de sua opção, o religioso sustenta seus irmãos cristãos, porque não tem duas atitudes evangélicas diante dos bens da terra. Nenhum cristão está dispensado de praticar a pobreza segundo o evangelho. Nem o pai de família, nem o empresário, nem o banqueiro, nem o operário. Ninguém pode servir ao dinheiro. Todos têm, por vocação, fazer com que o dinheiro faça crescer a amizade entre os homens. "Fazei amigos com a riqueza da iniquidade" (Lc 16,9). Quem não perceberá, en-

A verdade contida neste livro é antiga. Antiga é a profissão de fé que os cristãos nela fizeram. Novos, porém, são os aspectos frisados. Emergem de uma reflexão prolongada e profunda. Os autores são nomes internacionais no campo da teologia.

RELAÇÕES NEURÓTICAS NO CASAMENTO, de M. F. Ashley Montagu e outros vinte e quatro especialistas em psicanálise, psicologia, sociologia e antropologia. Ano 1971. Páginas 300.

Vinte e cinco dos mais eminentes psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais americanos apresentam neste volume a substância de suas experiências clínicas e de suas pesquisas de primeira mão no campo de maior problema conjugal. Pondo em evidência as fontes mais comuns de discórdia responsáveis por uma média anual de 400.000 divórcios na América do Norte, descrevem meios para isolar e imobilizar padrões de comportamento que diariamente ameaçam outros incontáveis casamentos.

Assim escreve sobre a obra, Dr. Jacob Arlow, membro da Faculdade do Instituto Psicanalítico de Nova Iorque:

— A obra contrasta favoravelmente com as generalizações comuns e superficiais publicadas sobre desentendimento conjugal e divórcio. O volume tem autoridade e é, a um tempo, informativo e interessante.

CRIANÇA É CRIANÇA, de Maria Lúcia Amaral. Literatura Infantil e seus problemas. Ano 1971. Páginas 120.

Com o lançamento de Criança É Criança, Maria Lúcia Amaral chega a uma espécie de coroamento de todo o seu esforço e trabalho numa vida dedicada à literatura infantil e à própria criança em si. Depois de vários anos, redigindo jornais e revistas infantis, em Pernambuco e no Rio, além de uma vasta obra em que se incluem cerca de quinze livros e quatro peças de teatro já encenadas em teatros e televisões do Rio, Maria Lúcia resumiu num livro toda a sua experiência e vivência neste setor.

O presente livro é resultado de dois cursos ministrados pela autora no Museu Histórico Nacional e cujo público se constituiu de professoras, bibliotecárias e mães, numa experiência inédita já que pensamos ter sido a primeira vez em que um Curso de Literatura Infantil é incluído na programação de cursos de um Museu.

COMUNICAÇÃO, OPINIÃO, DESENVOLVIMENTO, de José Marques de Melo. Ano 1971. Páginas 116.

Trata-se de três estudos monográficos ligados a problemas da atualidade nacional e mundial. O primeiro ensaio procura dimensionar as relações entre Elite, Massa e Comunicação no Brasil de hoje. O segundo é uma tentativa de sistematizar conceitos no campo da Opinião Pública, introduzindo novas perspectivas na análise dos **mass-media** como instrumentos desencadeadores da padronização de comportamentos. O último é um estudo sobre Desenvolvimento, Comunicação e Informação Rural, com enfoque predominantemente nacional.

Se, de um lado, o livro se afigura como um texto universitário, de significação especial para estudantes de Comunicação e Professores, por outro lado, reúne um conjunto de reflexões críticas, indispensáveis à consideração de profissionais, educadores e estudiosos da sociedade de massas.

O autor, professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, é considerado um dos pioneiros do estudo científico da Comunicação em nosso país.

DIRETÓRIO CATEQUÉTICO GERAL, da Sagrada Congregação para o Clero. Ano 1971. Páginas 128. Título do original latino *Directorium Catechisticum Generale*.

O presente Diretório é publicado em obediência à norma do n.º 44 do Decreto **Christus Dominus**. E tem como escopo fornecer os princípios fundamentais teológico-pastorais, tirados do Magistério Eclesiástico e de maneira particular do Concílio Ecumênico Vaticano II, para que, por eles, mais adequadamente se possa dirigir e organizar a ação pastoral do ministério da palavra. Nem todas as partes do Diretório possuem a mesma importância. Destina-se principalmente aos Bispos, às Conferências Episcopais e, de maneira geral, a todos os que, sob sua direção e orientação, têm responsabilidade no campo catequístico.

tão, a força da mensagem que a pobreza dos religiosos endereça ao mundo? A quem duvida do sentido deste protesto, bastaria lembrar a história tão conhecida de São Francisco de Assis, despindo-se de suas vestes de rico para as entregar a seu pai. E encontraríamos tantos outros exemplos na história da vida religiosa.

Mas é evidente que a simples escolha da pobreza não revela este valor. O formalismo de um religioso pobre num convento rico, não somente nada diz aos homens que lhes observa a vida, mas contradiz a mensagem que a vida religiosa quereria transmitir. Não há proveito algum em parecer pobre sem o ser realmente. É pura hipocrisia. Ou todos, de fato, estariam errados ao nos acusar desta hipocrisia: "Vós dizeis e não fazeis. Sois uma coisa e vos pareceis outra?" Nada pode justificar tais atitudes.

Pobreza inteligível

Como fizemos quando tratamos da vida comum, aqui também precisamos discernir algo além da exigência de autenticidade. Descobrir e encontrar formas de vida pobre que transmitam, sem ambigüidade, aos religiosos de nosso tempo, aquela mensagem que temos a lhes transmitir. Todos os religiosos não são hipócritas. Absolutamente. Eles têm uma maneira de praticar a pobreza, a qual, porém, o mundo não compreende mais. Há uma pobreza individual e real de instituições as quais impressionam pela pujança. Esta pujança institucional pode ofuscar aquela pobreza pessoal e real. A dependência dos superiores no uso dos bens pode ser uma maneira muito autêntica de pobreza, mas esta dependência não se confunde com a mesma pobreza. E então? Precisamos rever.

E os religiosos começaram a sua revisão. Mas o espírito crítico, com facilidade, é mais espontâneo e mais fácil do que a imaginação criadora. Ou seria conveniente não fazer mais aquilo que seria útil fazer para transmitir ao mundo de hoje a mensagem da pobreza que ele precisa entender? A busca e a experiência se fizeram. Pequenos grupos de religiosos e de religiosas saíram de seus conventos para viver no meio dos pobres a vida de pobres. Pode parecer artificial o procedimento de algum espírito autenticamente sincero. Seria muito conveniente que a vida religiosa fosse aberta ao pobre mesmo e não procurasse separá-lo do seu meio, para onde deveria voltar em seguida. Parece-nos que ainda não somos capazes de uma atitude assim. Nem o pobre nem o rico entendem bem a mensagem da pobreza religiosa, sinal que não sabemos transmitir como seria preciso para os homens de nosso tempo. Nossa tarefa é inventar esta linguagem. Quando a tivermos inventado, como então duvidar que

numerosos homens e mulheres, cansados das promessas falazes de um mundo de ilusões, não se deixariam, de novo, se seduzir pela mensagem da pobreza evangélica?

Oração e serviço

Sem entrar em considerações análogas sobre a castidade e a obediência, paremos um instante nossa atenção sobre a oração e o serviço ao próximo. Desta vez tocamos em tarefas a que os religiosos consagraram suas vidas, com acentos diferentes, conforme se orientam à vida contemplativa ou à ação. A vida religiosa em si, porém, une as duas num só ponto comum.

Talvez as congregações contemplativas têm hoje um serviço mais urgente do que nunca: converter um mundo que se secularizou. Revelar-lhe o sentido da oração que ele esqueceu e a que, no entanto, secretamente aspira. Os homens procuram se encontrar com Deus e não sabem como. Aspiram a um superar-se a si mesmos, a novas perspectivas de vida e não sabem onde encontrá-las.

— Estamos capacitados nós mesmos para revelar-lhes?

Se não estivermos, eles estariam com o direito de nos dizer: "E então, a que vos servis? Fizestes, por própria conta, uma experiência de oração, e não sois capazes de nos fazer participar dela?" Quando, por uma graça do Espírito esta comunicação existe, o povo acorre. Há anos atrás, passei pelo mosteiro protestante de Taizé, e o prior me dizia: "No dia 15 de agosto passaram por aqui mais de cinco mil pessoas." Os jovens se reúnem ali em multidões porque encontram as condições para uma verdadeira oração. Nossas comunidades religiosas são centros de atração para pessoas ávidas de se encontrar com Deus?

O povo deveria encontrar sempre em nosso meio as condições para uma verdadeira oração. Mas não se verificará isto enquanto não irradiarmos sensibilidade pelas aspirações dos homens em meio dos quais vivemos e sem que nossas orações expressem estas aspirações diante de Deus. Precisamos, sem dúvida, reaprender a rezar de uma outra maneira. Nossas modalidades de rezar são freqüentemente estereotipadas, mecânicas, e o seu conteúdo muito longe da vida real. Quem poderá se interessar por esta oração se ela não consegue mais autenticidade?

A tarefa é imensa e não é menor no domínio dos serviços. Consagrar a vida a Deus não significa subtraí-la aos homens. Cristo invectiga os fariseus que declaravam sagrados os próprios bens para se dispensar da ajuda aos parentes

necessitados. O mesmo obstáculo poderia existir tratando-se de nossas pessoas. Se a nossa consagração religiosa não nos impele ao serviço de nossos irmãos, ela é uma mentira. Na ordem concreta da vida onde estamos, o serviço a Deus passa pelo serviço aos homens. Não se pode procurar Deus só nas alturas do céu. Ele está também bem perto de nós aqui na terra. Se nossa vida religiosa não o testemunhar, ela perdeu seu sentido cristão.

Importa pouco a natureza do serviço. Nos últimos anos, o serviço dos religiosos ficou sobretudo as tarefas da educação e da assistência. Tarefas hoje que as coletividades humanas assumem cada vez mais. Não são tarefas exclusivas nem se constituem monopólio dos religiosos. Muitas outras foram abertas. Não importa a forma de serviço. O que vale é a qualidade. É estar dedicado totalmente onde se está.

Procura-se ainda contestar um mundo onde o interesse, e não o serviço, é o que vale. É certo que a liberdade em que se firmou o religioso pelo fato de não ter família, de não estar à frente de grandes instituições ou complexos industriais poderosos, constitui uma condição particularmente favorável para um serviço plenamente desinteressado.

No fim desta reflexão vemos melhor como isto fica bem em toda uma vida que deve ser marcada pela coerência. Coerência entre os diversos elementos: vida comum, votos, oração, serviço. Coerência, enfim, entre as realidades vividas e a consciência daqueles que as vivem.

Linguagem viva. Linguagem dublada.

Insistimos bastante sobre a linguagem da vida. Terminemos sublinhando com o evangelho: os atos procedem do coração. A escolha de um belo estado de vida, seu exercício cotidiano, provêm de uma consciência segura de que atribuímos um valor às coisas. Mais do que nunca a vida religiosa reclama dos religiosos consciência daquilo que vivem.

Chega-se sempre a um momento em que é urgente ter consciência da própria vida, especialmente quando ela se localiza no inverso da corrente por onde navega a maioria dos homens. É preciso ter então a capacidade de dizer em termos simples e compreensíveis, o que temos no coração. Aparecem então as maiores oportunidades de revelar aos outros a riqueza e o mistério que habitam, nutrem e dinamizam nossa vida. Então as palavras criam consistência. Sem este suporte vital, elas não significam nada. Mas sustentadas assim se constituem em imensa fortaleza. Agora é que precisamos ter

esta capacidade de dizer. Para isso é preciso assimilar inteiramente os valores da vida religiosa. Conhecer e amá-los suficientemente para saber expressá-los.

Se chegarmos a esta coerência, nossa vida será um questionamento ao mundo e nossa palavra dará a resposta. Não é sempre assim que se propaga o evangelho?

Conclusão

Comentamos, de uma maneira muito geral, a base de nosso apostolado que é a nossa pró-

pria vida religiosa. É preciso tratá-la como tal. Se a consideramos como simples condição para diversas tarefas apostólicas que poderemos assumir, ficará desnaturada. Nós a despojamos de seu maior valor. E privamos o mundo e a Igreja de um tesouro que temos a missão não somente de conservar, mas aumentar sem cessar de novas riquezas. É o tesouro que o rei colocou em nossas mãos, quando partiu para uma região distante. Quando voltar, exigirá contas, decupletadas, se possível, porque ele é exigente. Pede o que não deu. Recolhe o que não semeou (Lc 19,21).



CADA UM DÁ A SUA OPINIÃO

A Igreja é tenazmente conservadora, por isso não envelhece. Este perpétuo esforço de fidelidade doutrinal e solidariedade pastoral constitui o drama espiritual daqueles que na Igreja detêm o mandato e a responsabilidade de guiar para a salvação comum. *Paulo VI, em 6-10-1971.*



A inovação não pode produzir-se por meio de um rompimento com a tradição eclesiástica. A mentalidade revolucionária também penetrou consideravelmente na consciência de muitos cristãos. O rompimento que é preciso conseguir é o rompimento com o pecado, não com o legado de fé e de vida de que somos responsáveis e felizes herdeiros. *Idem, em 2-7-1969.*



PERGUNTAS E UMA PISTA PARA RESPOSTAS

Será que Javé é um Deus nacional,
confinado na Palestina,
endurecendo o Faraó,
para fazer brilhar o seu poder?
Atacando, às vezes, os próprios servos,
“causando” o pecado para realizar seus próprios desígnios?
parecendo gostar da oração particularista, vingativa?

Onde encontrar a limpidez da Revelação
que deve ser transmitida,
através de tantas limitações?
Como podem os escritos bíblicos
tornar-se para nós, a Mensagem, a Palavra divina?

Leia à página 25: PALAVRA E VIDA



EXPERIÊNCIA

EXPERIÊNCIA DE RELIGIOSAS EM ENCONTRO ECUMÊNICO

Um encontro ecumênico de grande interesse se realizou em Grottaferrata, perto de Roma, de 16 a 22 de agosto de 1971, na Casa Santa Rosa, das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria. Um grupo de irmãs católicas e protestantes, se reuniu para aprofundar o tema: A Vida Religiosa como serviço.

Um caminho comum

Foi o segundo encontro. O primeiro, que estudou o tema "Valor da vida religiosa do mundo moderno", se realizara, na Suíça, numa comunidade protestante de Grandchamp, um centro espiritual de grande importância, quase se poderia dizer, o ramo feminino de Taizé, porque daí segue a orientação e tira a sua regra.

O resultado superou qualquer expectativa. "Estes encontros precisam continuar", foi uma moção e um pedido unânime depois de Genebra. Daqui resultou então, o encontro de Grottaferrata. "Aquilo que se começou em Grandchamp, no encontro com o Senhor, através de cada um dos irmãos reunidos em seu nome, se aprofundará posteriormente por obra do Espírito Santo", dizia a mensagem enviada por aquela comunidade à reunião de Grottaferrata, por meio de sua representante.

Esta foi também a sensação e a experiência dos participantes. "Duma experiência como esta sempre se há de sair diferente de como se entrou". O pequeno número de participantes, trinta, permitiu instaurar desde o começo o clima de uma autêntica intimidade fraterna, um clima de relacionamento

realmente pessoal, que em experiências como esta constitui ponto vital.

Abrindo o Encontro, o Pe. Jean de La Croix Bonadio, um veterano do ecumenismo, moderador e regulador do Encontro, disse:

— Em reuniões como esta a palavra **encontro** deve ser tomada em toda a dimensão e profundidade de seu significado. É a procura do outro, a disponibilidade para escutar, o sincero desejo de enriquecer-se com os dons do outro e oferecer os próprios, na íntima convicção de uma complementariedade que reflete e manifesta a única e infinita riqueza de Cristo.

Os momentos fortes

Foram dias intensos e inesquecíveis. Uma meditação bíblica sobre "Cristo, o servidor de Javé", dirigida pelo P. Jean de La Croix, abria a jornada, que se desenrolava com muita oração e celebrações de culto conforme as diversas liturgias: anglicana, protestante, católica. Depois as comunicações e as trocas de experiências.

Momentos particularmente fortes foram:

a) A audiência em Castelgandolfo, durante a qual Paulo VI recebeu o grupo e teve palavras de

particular afeto e encorajamento para cada um dos não católicos.

b) A liturgia nas catacumbas de Domitila, onde o sentimento de estarem todos na origem comum abstraindo-se de qualquer divisão, na fonte da mesma e única fé, incidiu profundamente no espírito, infundindo, na oração preparada conjuntamente sobre as páginas mais belas dos primeiros mártires e confessores, um indizível fervor.

c) A visita a Assis, celebrando o santo que mais do que ninguém se assemelhou a Cristo e que, portanto, a alma enamorada de Cristo, mesmo confessando uma fé algo diferente, sente-o próximo e próprio.

Um sofrimento intolerável

“O que nos une é infinitamente maior do que aquilo que nos separa”, dizia o Papa João XXIII, ao falar aos irmãos separados. E, quando além do batismo comum, além da fé comum no único Cristo, sentimo-nos unidos pela identidade de um comum chamamento e de uma mesma total dedicação a êle e ao serviço dos irmãos, em seu nome e por seu amor, então a comunhão fraterna é de tal maneira sentida que dá a impressão, quase ilusão, de que tôda barreira ruiu.

Alegria íntima que se torna dilacerante sofrimento, no momento em que se deveria notar mais união dos filhos do mesmo pai: ao redor da mesa eucarística. Viver juntos, rezar juntos, procurar juntos, aprender a conhecer-se melhor para melhor se amar, ver diluir-se, nesta alegre convivência, uma multidão de preconceitos e de sombras acumuladas em séculos, e dever se separar justamente na hora de se nutrir com o pão da vida, depois de terem juntamente pronunciadas as mesmas palavras: “Faizei isto em memória de mim”, é intolerável. Dá quase a impressão de hipocrisia.

Quem ainda não experimentou existencialmente esta dilaceração não pode imaginar o que seja uma oração autenticamente ecumênica. Fica-se marcado para o resto da vida.

Tôdas, unânimemente, como se deu também em Grandchamp, se convieram neste ponto: havia descoberto até que ponto experiências como esta se incidem no mais profundo da vida das pessoas consagradas. Como se pode afirmar pertencer a Cristo, sem sentir na alma, como uma chaga viva, o escândalo intolerável das divisões, que em razão de nossos pecados, tornam ainda vã, depois de vinte séculos, a suprema oração de Cristo: “Que todos sejam um como eu e tu, ó Pai, somos um”, e ineficiente o sinal de comunhão para a humanidade: “a fim de que o mundo creia que tu me enviaste”?

Religiosas para o ecumenismo

Esta é justamente a razão pela qual a ânsia ecumênica encontra na vida religiosa também feminina, um campo privilegiado e particularmente propício.

Se aqui estamos reunidos hoje, em Grottaferrata, dizia o P. Jean de La Croix, é porque acreditamos na palavra do grão de mostarda. O evangelho nunca fala de eficiência, mas de fecundidade. Acreditamos na fecundidade da semente que cai na terra para morrer e florir; acreditamos em meios simples e pobres; acreditamos nas pequenas coisas. Um passo no caminho da unidade, uma gota no cálice.

A unidade querida por Cristo para sua Igreja, avalizada com seu sangue, indicada por êle como condição absoluta para a conversão do mundo e advento do reino, pode tornar-se agora atual, para a vida religiosa, uma fôrça galvanizante de incrível potência. Ao lado de nossas irmãs da ortodoxia e da reforma, conhecendo-se melhor seus tesouros de dedicação, de fidelidade e de generosidade, dividindo com elas uma sincera busca de sempre melhor conformidade com o ideal evangélico que a tôdas nos atrai e nos solicita, também, os nossos problemas particulares e internos poderão aparecer numa luz e numa dimensão nova.

É extremamente significativo êste fato: nossos irmãos protestantes estão redescobrando o significado e o valor da vida religiosa justamente hoje, quando dentro do próprio catolicismo, se assiste a um dos mais radicais questionamentos dos valores fundamentais desta vida, de seus votos e de sua consagração. Encontros como êste de Grottaferrata, tornam-se momentos privilegiados de graça e de luz. A busca comum, a união do mesmo ideal, pode servir não só à causa ecumênica, mas à mesma causa da nossa vida religiosa, hoje tão intensa e cansativamente empenhada na sua atualização e renovação.

O ideal supremo é o mesmo: a união de todos os crentes em Cristo. Isto se experimentou agudamente em Grottaferrata. Só Deus conhece a hora em que tôdas as barreiras ruirão e a unidade da família cristã será definitivamente reconstruída. Porém, uma coisa é certa: Esta meta e êste ideal exige uma incondicional colaboração das religiosas. Também elas são chamadas àquela mudança de mentalidade, àquela cotidiana e progressiva conversão, que é a alma mesma do ecumenismo. Mas êste não é um programa normal, rotineiro para tôdas as que fizeram de Cristo a única meta total de própria vida?

Irmã Mariângela del Vale

QUANDO A VIDA RELIGIOSA TORNA-SE, DE VERDADE, UM EMPENHO

Um grupo de Irmãs Lauritas do Equador, com a presença e a participação de sua Geral, reuniu-se para uma reflexão comunitária sincera, algumas vezes, desapiedada mesmo, a respeito do modo de viver a própria vida religiosa e a respeito das exigências inerentes à própria consagração no meio do mundo de hoje.

O que publicamos sobre os votos religiosos entendidos como resposta autêntica às novas exigências evangélicas, são reflexões deste encontro. São trechos de um documento corajoso, polêmico, porém, estimulante.

Até que ponto em nossa comunidade se procedeu a uma revisão séria e metódica da vida religiosa, como condição indispensável para que cada uma seja um sinal? Chegou o momento urgente de nos perguntar qual é o lugar da religiosa laurita na Igreja? Qual a sua missão? Qual a sua vocação específica no povo de Deus?

Unimo-nos em uma congregação para "facilitar os meios que tornam possível o exercício do sacerdócio batismal em sua plenitude, através do dom de nós mesmas a Deus e de uma inteira disponibilidade a serviço da Igreja nas missões" (Capítulo I das Constituições).

Como pressuposto fundamental do empenho sempre renovado dos conselhos evangélicos (pobreza, castidade e obediência) é necessário, com maior firmeza "cultivar um profundo espírito de fé que revigore continuamente cada irmã no seu empenho de dedicar-se à missão apostólica e que a ajude a encontrar Deus em todo o processo de sua vida consagrada", documento citado.

Continuemos, enfocando cada voto, numa análise crítica.

P o b r e z a

Conforme a Perfectae Caritatis, n.º 13, e ao capítulo segundo de nossas Constituições, temos que convir: uma coisa é a doutrina, a teoria; e outra, bem diversa, é a realidade, a prática, que, em muitas circunstâncias, torna-se realmente um contra-temunho do espírito evangélico.

Algumas casas da Congregação apresentam sinais evidentes de pobreza, de privações, de abandono mesmo; enquanto outras, pelo contrário, revelam sinais justamente opostos.

Tudo isto sem levar em consideração a situação de pobreza de nosso país, o maior obstáculo para a evangelização. Entendemos que, fundamentalmente, pobreza é encarnação da vida da maioria

para tornar a pobreza dinâmica juntamente com esta maioria, isto é, vencer a miséria e chegar à Páscoa da Libertação, da ressurreição.

Uma pobreza encarnada nos levará dinamicamente ao reino da justiça e da paz. O cristão vive num mundo que é o seu mundo e o mundo de Deus, onde deve trabalhar, comer, divertir-se, dormir. É o seu mundo e o mundo de seu irmão, construído numa base de relações dinâmicas entre irmãos. Cristo ensinou que o cristão deve atuar a sua fé. Se não chegar à prática, a fé é vã.

Logo que começarmos a colocar em prática a nossa fé, seja qual for o número destes pioneiros, numa experiência de vida participada, nosso semelhante encontrará a esperança de um mundo melhor. Como poderemos esperar que o cristianismo floresça num ambiente em que o homem tem de lutar até o extremo de suas forças para ficar vivo, para não morrer, onde ele não encontra alimento, nem roupa e jamais terá possibilidade de preocupar-se de seu irmão?

Como nutrir esperanças se os apóstolos da evangelização, em nosso caso, as religiosas, estão à margem da vida do povo, quando não chegam mesmo a ser escândalo, pela ânsia de prestígio, de construções, de aquisição de poder social no meio daqueles que nenhum poder podem ter?

C a s t i d a d e

O capítulo doze da Perfectae Caritatis e o capítulo segundo de nossas Constituições nos colocam diante de duas situações concretas.

A castidade se justifica pelo trabalho incondicionado no meio do povo e pela possibilidade de uma vida fraterna entre as irmãs.

a) É importante ter idéias claras a respeito deste trabalho entre o povo, se ele fundamenta a castidade. É necessário que as comunidades tenham

consciência das tarefas que lhes referem na hora atual, que unam a fé no Espírito à eficácia dos instrumentos da pastoral, numa medida que se proporcione à crise do povo que está cregando ao seu apogeu.

b) A vida fraterna entre as irmãs. "A comunidade precisa ser uma família das irmãs que se amam reciprocamente. Onde uma é para a outra um estímulo constante para a paz, para a alegria e para o amor. A comunidade religiosa é uma pequena Igreja, onde deve refletir toda a vida do Corpo Místico de Cristo. Precisa aceitar, como é natural, as diferenças de origem, de nacionalidade, de caráter, de educação, esforçando-se para viver testemunhando a unidade", Constituições, Capítulo IV.

Dêstes princípios teóricos deduzimos uma reflexão baseada sobre os fatos: Falta verdadeira vida de família em nossa comunidade. Existem discriminações referentes à origem social. Dá-se preferência às irmãs de origem social mais elevada e culturalmente mais preparadas. Há um grande número de irmãs sem preparação humana, que ficam perpétua-mente confinadas ao restrito limite dos trabalhos domésticos.

Não menosprezamos, absolutamente, este tipo de serviço. Observamos, porém, que entre nós não há preocupação alguma de elevar humanamente estas pessoas. Existem entre nós fenômenos que são verdadeiros contra-sinais em questões de trabalho. Não há possibilidade de justo descanso para todas as irmãs, quando consideramos o clima malsão e trabalho massacrante de certas comunidades missionárias.

Existe uma absoluta falta de diálogo entre as Superiores e as súditas. Prevalece o verticalismo das imposições que, em última análise, é a negação de uma autêntica busca da vontade de Deus. O desequilíbrio nas interrelações pessoais se manifesta também nos fenômenos de nacionalismo e regionalismo, provocados pela ambição de prevalecer as próprias opiniões. Naturalmente, isto degenera em terríveis desconfiânças internas que destróem não somente a caridade cristã mas até a mais elementar dignidade humana.

Por detrás de tudo isto existe um problema, fundamentalmente, muito mais sério, fruto de mentalidade oposta aos ideais de renovação da Igreja. Existe uma mentalidade tradicional, inimiga dos questionamentos que procuram uma humanização interna. É uma mentalidade ancorada nos próprios critérios e sustentando uma autoridade que é mais formal do que serviço. Isto se nota no modo de tratar as famílias pobres das irmãs quando vêm nos visitar. Nota-se no controle da correspondência, através do humilhante canal das proibições.

O nosso povo é vítima de enganos. E nós lhe proporcionamos mais um que é o engano de nossa falsa união fraterna, que não existe, porque entre

nós se anulam as pessoas. Queremos defender os direitos dos outros quando os nossos estão massacrados. Nosso serviço nos torna cúmplices da destruição dos instrumentos que Deus nos deu para difundir a boa nova.

O b e d i ê n c i a

Com base naquilo que diz a Perfectae Caritatis, n.º 14, na obediência está em jôgo toda a pessoa humana, a sua dignidade, a sua busca constante da vontade de Deus. A vida de obediência deve educar para a liberdade através do diálogo para o desenvolvimento da iniciativa pessoal, e para o respeito dos carismas individuais de cada membro.

Somente assim a autoridade, que até agora foi a mediação nas instituições será substituída pela **fraternidade no diálogo**. Só assim desaparecerão as ameaças, as psicoses coercitivas, o respeito humano etc.

Falou-se muito entre nós de fazer a vontade de Deus, sem aprofundar seriamente a pesquisa sincera e compreensiva; sem dialogar a respeito desta vontade. A linha vertical, de novo, dominou sempre a linha horizontal.

Medellin fala do espírito de fé e de amor na busca constante da vontade de Deus através da obediência. Estamos, todavia, muito longe disto porque, na maioria dos casos, o que domina soberano é o critério da superiora que em lugar de exercer a sua autoridade como serviço às irmãs, massacra a dignidade humana.

Aquilo que influencia sobre a mecânica do governo é o poder das conselheiras, de todo tipo, isto é, a ingerência, nos critérios de movimentação do pessoal religioso, de pessoas que determinam as decisões levadas por vínculos de amizade ou de acesso às altas esferas eclesásticas ou por critérios de preparação intelectual.

Sem querermos ser infantis, consideramos positivo o advento e a contribuição destas forças ao nosso Instituto. Quando, porém, elas têm poder de decisão em setores que lhes são estranhos e alheios, pelo fato de que eles não constituem parte integrante da vida religiosa e comunitária, sua capacidade de decisão torna-se então temeridade e um sério obstáculo ao trabalho e à vida das irmãs.

E a vida de oração?

Temos de notar que vivemos até agora uma vida de oração, infelizmente, etérea, estratosférica, vinculada a um mundo irreal, sem ponto algum de referência ao mundo concreto de autênticos relacionamentos comunitários. Cremos, porém, necessária, uma oração pessoal e íntima com Deus, através do contato comunitário com os nossos irmãos.

Um grupo de Irmãs Lauritas.

A meditação monástica
consiste em ler o texto
e aprendê-lo de cor,
isto é, de coração, de corpo.
Os lábios pronunciam,
a memória retém.
A inteligência apreende o sentido,
a vontade leva à prática.

“LECTIO DIVINA”

ORAÇÃO TÍPICAMENTE MONÁSTICA

*Pe. Etienne Gillard, da Abadia de Orval (Bélgica).
Tradução livre e adaptação para CONVERGÊNCIA
de MAUCYR GIBIN, SSS*

Em nossa época tanto se fala em liturgia. Hoje, principalmente no Brasil, a teologia quer sempre partir da realidade e dos fatos. Nesta década que o Concílio nos pede para estarmos atentos aos sinais dos tempos, aos acontecimentos da história. Hoje, que sabemos e constatamos a autonomia das realidades terrestres. Quando a própria bibliografia sobre a Bíblia nos faz atentar à revelação de Deus que se manifesta, se revela pelas situações. Hoje que Gaudium et Spes nos ensina a universalidade da presença do Cristo Ressuscitado no universo, dizendo que todo bem é “Semente do Verbo”, “Germens do Evangelho”, mesmo que não haja uma fé explícita . . .

Teria ainda sentido falar da “Lectio divina” à moda monástica? Teria ainda lugar a meditação da Palavra em si?

Apesar de tôdas as interrogações, ousamos apresentar aos leitores desta revista um artigo tipicamente “monástico”, sem contradizer a vocação própria do leigo na Igreja de nosso tempo. Esse método de oração — o diálogo monástico — levou tantas personalidades da história da Igreja à experiência de Deus. Essa “Lectio divina” que ocasionou tantos escritos imorredouros poderá ainda servir para os fiéis de uma Igreja nova? Pensamos que sim. Eis porque passamos a apresentar a grande lição de Bernardo, o místico que se forjou à luz da Palavra, comida e remoída durante longos anos.

I. A TÉCNICA DA "LECTIO DIVINA"

É uma pretensão falar da "Lectio divina", segundo a escola de São Bernardo. Numa época de tanto contato direto com a Sagrada Escritura, que poderia nos trazer de novo qualquer que seja o livro, mesmo de um grande santo? Que poderia ensinar ainda um autor da Idade Média, perante as revelações da exegese contemporânea?

Para ser sincero, eu mesmo me defrontei com esta objeção anos a fio. Mas enfim ouvi o apêlo: "Aplica-te inteiramente ao texto sagrado. A graça que este encerra, aplica-a toda a ti mesmo".

Levado pelas circunstâncias, vi-me obrigado a reabrir os antigos autores espirituais. A erudição de alguns amigos da comunidade me fizeram penetrá-los mais profundamente e nesta escola dos santos padres e dos monges que seguiram seus exemplos, aprendi a saborear a Sagrada Escritura como jamais o teria feito sozinho.

A partir desta descoberta nunca mais abandonei os meus mestres. Sem dúvida, a razão é porque, com espírito mais livre, me fizeram chegar a um ponto que eu não teria atingido sem sua ajuda. Julgo não ser caso único. Ninguém de nós poderá alcançar as verdadeiras dimensões espirituais da Escritura sem se pôr na escola daqueles que nos precederam numa experiência de diálogo com Deus.

Não seria esta uma característica própria do monge (embora não exclusivamente dele)? Nunca me esqueci desta página do Pe. Bouyer sobre Dom Lambert Beauduin:

— As circunstâncias de sua vocação revelam uma presença como que inata, da mais monástica das virtudes, especificamente beneditina: a docilidade. É evidente que não se trata de uma passividade própria de gente instalada. Deste tipo de docilidade não se encontra traço algum em nosso herói... Dentro da mais pura tradição monástica, ele se deixou instruir por aqueles que têm um conhecimento comprovado. Em particular assimilou a experiência espiritual dos mestres. Estes a adquiriram à custa de muito esforço.

Penso que esta DOCILIDADE é pressuposto necessário para o que convencionalmente chamamos, no correr deste artigo, de "Técnica da lectio beneditina".

Esta técnica está, com efeito, intimamente ligada a um texto da escritura. Eis precisamente o que a diferencia dos métodos modernos de meditação. Estes podem levar a uma reflexão

abstrata. Basta lembrar, por exemplo, as "meditações de Descartes, ou outros livros devocionais, em que meditar sobre os atributos divinos significa: "Refletir e suscitar idéias a respeito do assunto".

A meditação monástica, ao invés, consiste em ler um texto e aprendê-lo "DE COR" (= de coração), no sentido profundo da expressão, isto é, com o corpo: os lábios o pronunciam, a memória o retém. A inteligência apreende seu sentido, a vontade leva à prática.

"Na tradição monástica, afirma o Pe. Jean Leclercq, não se pode meditar a não ser a partir dum texto. E como este texto é a palavra de Deus, a meditação é o complemento indispensável, quase equivalente à própria leitura (lectio divina), da qual se torna inseparável. A "Lectio" consiste no **INSCREVER** o texto sagrado no corpo e no espírito".

NB. *Aqui caberia a pergunta, quiçá indiscreta: o que estamos fazendo do necessário silêncio após as leituras da liturgia? Que estamos fazendo com os "Salmos responsoriais" ou cântico de meditação? Aliás, o salmo responsorial é, sem dúvida, o canto por excelência da liturgia da Palavra e na eucaristia, vem logo após o Santo, Santo, Santo.*

Embora se trate da Palavra de Deus, texto por excelência, esta não se encontra exclusivamente na Bíblia. Acha-se também nos escritos daquelas pessoas que a "digeriram", facilitando assim para nós, que avançamos mais lentamente nas veredas da espiritualidade, a assimilação.

Tais escritos são maravilhosos, pois nos vêm de grandes monges cuja profissão consistia em prescrutar a palavra de Deus.

Meditar, pois, quer dizer agarrar-se à frase recitada, pesar-lhe as palavras, para chegar ao seu pleno significado. Assimilar o conteúdo por uma espécie de "ruminação" para degustar seu sabor. É, no dizer de Santo Agostinho e de São Gregório, saborear o seu gosto com o paladar do coração. Esta atividade toda torna-se necessariamente uma oração. A "lectio divina" é uma leitura rezada.

Escolhendo São Bernardo entre os muitos monges, não quero cair no particularismo de uma escola ou de uma ordem religiosa. Tenho intenção de revelar como São Bernardo é o fruto de todo um meio monástico que me permitiu exprimir, de modo especial, o que muitos monges, tanto cistercienses como beneditinos (cluniacenses), experimentaram. Colocando-nos à sua escola, encontramos o método da "lectio" patrística,

II. OS SERMÕES SOBRE O CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Que interesse poderiam suscitar em nós os "sermões super Cantica"?

Trata-se de um texto contemplativo por excelência, o "Theoricus sermo" como o chama o próprio São Bernardo.

O Cântico dos Cânticos é a expressão de uma prolongada busca, que São Gregório resume dizendo: "O espôso se esconde quando é procurado, para que, não sendo encontrado, a espôsa o busque com renovado ardor. A espôsa, demorando-se na procura, aumenta sua capacidade de receber o espôso e o desejo de Deus. Assim se encontrará mais plenamente com aquele que ela procura".

Os nossos monges descobriram aí um programa do "quaerere Deum — busca de Deus" da regra de São Bento. Uma busca na noite da fé que só estaria completa na eternidade, mas que recebe já agora uma verdadeira satisfação pela posse obscura. Isso tudo faz crescer o desejo que, aqui na terra, é uma forma de amor.

O Cântico dos Cânticos torna-se o livro mais lido nos mosteiros. São Bernardo consegue dar uma forma genial e simples de expressão a uma busca e a um amor que era comum entre os monges todos.

III. INICIAÇÃO A EXPERIÊNCIA

Tratando-se de uma experiência espiritual, é indispensável uma iniciação. A "lectio divina" é um meio privilegiado para se fazer esta iniciação.

Para São Bernardo, com efeito, o conhecimento puramente objetivo de Deus, que faz dele como que o centro de referências intelectuais, não teria valor. Mesmo pela revelação objetiva, o Verbo se dirige a cada um de nós em particular, de modo que todo o conhecimento de Deus, toda a teologia depende desta palavra interior: "Deus falou uma só vez, mas sua palavra (conversa, diálogo) é contínua e permanente".

Ora, na verdadeira "lectio divina" é que a "Palavra" é dirigida a nós, e se interioriza e se torna água que jorra para a vida eterna.

IV. TÉCNICA OU MÉTODO DE ENCONTRO

Suponhamos que uma tal técnica hoje seja ultrapassada. Mas não podemos entendê-la como uma adesão à Palavra? Neste caso, já não seria superada.

— Cabe-vos a adesão, explicava Guillaume de S. Thierry aos irmãos de Mont-Dieu.

Permanece, ainda hoje, o livro de sempre. O Vaticano II na "Dei Verbum" afirma: "Deus que outrora falara, não cessa de conversar com a espôsa de seu Filho muito amado".

No entanto, este livro não é acessível a todos. Bernardo declara desde o primeiro sermão: "Um tal Cântico só pode ser ditado pela União (do Espírito), só a experiência interior poderá fazer com que seja compreendido". Daí a citação tirada da 1 Cor 3,2 que pauta todo o comentário: "Aos espirituais é reservada uma ciência que só o Espírito confere".

Seria então uma tal sabedoria reservada a um meio mais ou menos exotérico? Absolutamente não: "Aqueles que possuem uma tal experiência, os assim chamados perfeitos, conhecerão o sentido do Cântico dos Cânticos; os que não possuem experiência, êsses que ardam em desejo, não tanto de conhecer mas de fazerem eles mesmos essa experiência. Não é uma música cantada pela bôca, e sim uma vivência de júbilo do coração; não é um orgulho dos lábios, mas uma comoção de alegrias; não é uma harmonia de vozes apenas, mas um concerto de vontades. Não é audível em público, mas espetáculo para aqueles que entoam o Cântico".

Quando fazemos a experiência desta "unção do Espírito" (1 Jo 2,27), ela mesma nos ensina a tal ponto que já não precisamos de ninguém para nos instruir. Isto não significa que a revelação se transformaria para nós numa iluminação cortada do ensinamento exterior. Pelo contrário, é a própria palavra de Jesus, aceita na Igreja e interiorizada progressivamente no nosso coração, sob a ação do Espírito Santo.

A partir desta experiência, a pregação exterior e o conhecimento interior, já não podem ser opostos. É o próprio ensinamento, a palavra de Jesus, que se tornou nosso.

Aos outros compete servir a Deus, a vós aderir ao mesmo Deus; aos outros cabe a fé em Deus, a ciência, o amor, a reverência; a vós, porém, o gôsto, a inteligência, o conhecimento, o gôzo.

Pois bem, a adesão que é a experiência contemplativa por excelência, constitui a uni-

dade, o núcleo dos sermões de São Bernardo sobre o Cântico. Através da sinuosidade deste autêntico diário, encontramos apenas dois ou três textos da Escritura — sempre os mesmos, aliás — mesclados com inúmeras facetas da vida cotidiana. Os textos citados exprimem sempre essa adesão (Jo 4,24; 1 Cor 6,17;2,13; 2 Cor 3,18; Rom 8,6).

Encontramos primeiramente o texto de João (4,24), onde Jesus dialoga com a samaritana: "Deus é Espírito; todos os que o adoraram, devem fazê-lo em espírito e em verdade". Deus é espírito: noção bíblica de Deus como "poder de animação dos seres".

Em seguida o paralelo que Paulo estabelece entre a união do homem e da mulher numa só carne e a união do discípulo com o seu Senhor num só espírito. "Aquêle que adere ao Senhor, torna-se com êle um só espírito (1 Cor 6,17-18). Todo o comentário do Cântico dos Cânticos gravita em torno deste texto chave.

E ainda os versículos 17-18 da 2 Cor, 3: "O Senhor é espírito... e nós todos que, de rosto descoberto, refletimos como num espelho a glória do Senhor, somos transformados na mesma imagem, sempre mais resplandecente. É o Espírito do Senhor que opera!"

Enfim, o capítulo 8 de Romanos, que nos descreve a vida conforme o espírito. O versículo 16 diz: "O próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus... co-herdeiros do Cristo".

Como pediríamos, então, a São Bernardo que nos inicie na experiência espiritual?

Tão somente a assiduidade prolongada poderá nos fazer encontrar a linha de seu pensamento, envôlto num emaranhado de digressões e superestruturas próprias de um século que já se distancia do nosso. Requer-se muita aplicação e paciência. A intimidade com seus escritos só se alcança a este preço: a assiduidade.

Portanto, nada mais contrário à "Lectio divina", do que a leitura rápida que tenta percorrer superficialmente os escritos de um autor. O próprio São Bernardo faz essa advertência:

— Não vos surpreendais se me vêdes tão solícito em prescrutar os tesouros secretos do Espírito Santo. É assim — estou plenamente convicto — que se tem acesso à verdadeira vida espiritual. Àqueles que tivessem pressa e quisessem ver o fim de meus discursos antes de terem assimilado as premissas, eu diria que sou antes devedor aos meus irmãos de inteligência menos veloz. Minha primeira intenção é fazer os textos descenderem profundamente nos vossos corações, mais do que explicá-los (S. XVI,1).

Jamais nos esqueçamos que a lectio divina "não se faz percorrendo velozmente o texto, mas aplicando-se a êle com toda diligência"! Sòmente assim a leitura meditada se transformará em oração, adesão, experiência de Deus.

V. A INCARNAÇÃO E A LINGUAGEM MISTICA

Mesmo não tendo a pretensão de nos "aplicar com toda diligência", como recomenda São Bernardo, êste artigo quer ser um esboço de como se entra em contato com os textos patrísticos.

Começemos pelo sermão II em que São Bernardo expõe o tema do primeiro versículo do Cântico dos Cânticos: "Beija-me com o ósculo de seus lábios — Osculetur me osculo oris sui". Êste beijo se torna realidade primeiramente no Mistério da Incarnação, quando Deus une-se corporalmente à humanidade.

"Hoje lemos no livro da experiência! Voltemo-nos para nós mesmos e cada um se interogue — pergunte à própria consciência — o que será preciso dizer. Gostaria de poder explorar se alguma vez foi dado a alguém dentre nós dizer com toda a sinceridade êste "Osculetur me osculo oris sui". Com efeito, nem todos podem dizer tal expressão lá do fundo de seus sentimentos (ex affectu). Tão somente aquêle que tivesse recebido dos lábios do Cristo o beijo espiritual — ao menos uma vez — poderia desejar o que conheceu por experiência. Tão somente êste poderia aspirar pela repetição de uma tal experiência. Estou certo de que ninguém terá condições de desejar, se não sabe do que se trata, porque nunca experimentou. De fato, somente quem provou deste secreto maná poderá ter ainda fome. É um poço selado ao qual o estrangeiro não tem acesso. Para sentir sede desta água, é preciso ter antes molhado os lábios".

Já podemos supor qual seja a teologia de São Bernardo. Teologia em que a experiência interior é ao mesmo tempo o princípio e o fim da pesquisa: antes o "Creio para experimentar" do que o "Creio para compreender". Trata-se de uma experiência de Deus na fé, do que um conhecimento (gnose) que nada tem a ver com o esoterismo, porque se situa mais no exercício da própria fé e que permanece no âmbito do ato de fé. É uma experiência que aguça o gozo e o amor: "A inteligência compreende na medida em que é tocada pela experiência".

"Assim como a Palavra é vida, seu beijo é eficaz, porque não se assemelha ao aproximar-se de lábios que não raro simulam concórdia de corações enganosos". Este ósculo é realmente a invasão da felicidade, a revelação dos mistérios divinos, união maravilhosa que funde numa só claridade a luz que vem do alto e a pessoa iluminada, porque, quem adere a Deus se torna com êle um só espírito".

"Escutai bem: a bôca que dá um tal beijo, é o Verbo que assume nossa humanidade; o abraçado, é a nossa carne assumida. E o beijo se concretiza entre a pessoa que dá o abraço e aquele que é abraçado, isto é, a Pessoa formada pelo Verbo e pela carne. Esse Verbo é o mediador de Deus e dos homens, o homem Jesus Cristo."

Em seguida, no terceiro sermão, Bernardo nos faz penetrar neste mistério:

"Ousamos lançar um olhar para êsses lábios gloriosos, não apenas em contemplação, mas para beijá-los. Pois encontra-se diante de nós, o próprio Jesus Cristo, nosso Senhor, nossa vida, e o beijo, graças ao seu consentimento, nos une à sua própria pessoa e faz com que sejamos com êle um mesmo espírito."

VI. DEUS SANTIFICANDO A PESSOA

Esta experiência nos leva a uma nítida percepção da presença de Deus operando a santificação da pessoa. Exige uma entrada em nós mesmos, para aí encontrarmos o Cristo Senhor. Para êle o beijo é plenitude! Para nós torna-se participação. Eis o pensamento desenvolvido no sermão VIII. Ele abre nossos horizontes até às relações trinitárias, no espírito do Filho (in spiritu Filii).

1. "Creio tratar-se de um ósculo inefável, que a criatura desconhece, quando êle diz: Ninguém conhece o Filho senão o Pai e ninguém conhece o Pai senão o Filho e quem receber do Filho a revelação. Esse mútuo conhecimento, êste amor recíproco, é o ósculo mais doce e ao mesmo tempo o mais secreto".

2. Criatura alguma tem acesso ao mistério do divino amor... E nós não tememos errar ao dizermos que o ósculo divino é o Espírito Santo, procedente do Pai e do Filho: paz inalterável, cimento de inquebrantável solidez, amor indiviso, unidade inseparável.

3. É pois a êste divino amor que a espôsa se dirige, pedindo confiadamente a efusão do Espírito Santo, sob o nome de um "beijo" (Rom 5,5). Para Bernardo, o conhecimento integral da Santíssima Trindade deve conduzir a uma experiência da filiação divina.

4. "Alguém poderia objetar: donde te vem essa ciência do mistério, já que afirmas jamais ter sido confiado a criatura alguma?"

Responderia que o Filho Unigênito, que habita no Pai, revelou não a mim, pobre e indigno, mas a João, o amigo da Espôsa. São João Evangelista, o discípulo que Jesus amava, é que disse estas palavras. João, com efeito, recebera do peito do Filho o que êste havia obtido no seio do Pai. E não somente êle, mas todos aqueles a quem o "anjo do grande conselho" disse: chamei-vos amigos, porque tudo o que aprendi de meu Pai, dei-vos a conhecer".

Também Paulo bebeu do seio do Filho, êle que não havia recebido de homem algum, o Evangelho que anunciava, mas por revelação do próprio Jesus Cristo. Para o Cristo, êste ósculo é plenitude, e para Paulo é participação!

5. E a peroração do discurso VIII, manifesta algo da experiência íntima do abade de Clairvaux: "Feliz beijo êste, pelo qual não somente se reconhece Deus, mas o próprio Pai é amado, já que ninguém o conhece plenamente senão no amor perfeito.

Quem de vós já sentiu, no segrêdo da consciência, o grito do Espírito Santo: Abba — Pai! Êste, sem dúvida alguma, pode estar certo de ser amado pelo Pai, pois foi tocado pelo mesmo Espírito que habita o Filho.

Tem confiança, tu que és agraciado. Confia e não hesites. Tem certeza de que o Espírito do Filho te faz "filho do Pai" e ao mesmo tempo irmão e espôsa do Filho. Se o casamento humano une dois corpos numa só carne, o matrimônio espiritual os une num só e mesmo espírito.

VII. A FILIAÇÃO E A DESCOBERTA DO PAI

A experiência da filiação divina é por certo um conhecimento, mas um conhecimento no mistério do amor (Dom Leclercq) que garante a unidade de tôda a teologia: a "Economia" é a manifestação do amor de Deus para conosco, e a "Antropologia" é sua realização em nós, a aplicação dêste amor de Deus a cada um de nós.

A êste respeito São Bernardo deixou duas formas definitivas: O amor de Deus para conosco é a fonte de todo conhecimento que dêle podemos ter e, da nossa parte, não pode haver conhecimento religioso de Deus sem amor: "nunca se conhece plenamente o Pai sem amá-lo perfeitamente". Conhecer Deus de modo salvífico, fruto e meio de salvação, é amá-lo: é querer que seu mistério se realize em nós. Para Bernardo trata-se menos de adquirir um co-

nhecimento explícito de Deus do que de aderir a este mesmo plano de amor. O que mais lhe importa é que a obra da salvação se torne nossa, na vida interior. A obra da nossa salvação que o Espírito realiza no nosso íntimo a cada momento com a doce subtileza de seu modo de agir, esse é o mistério. (Sermão XVII,2)

Todo o comentário do Cântico, nos primeiros 17 anos de sua atividade de escritor, será essa caminhada numa progressão que bem reflete a peregrinação espiritual de Bernardo. Progressão retilínea. Este diário, a ascensão progressiva, em nada se compara a um tratado de espiritualidade. Inúmeras direções nos revelam a realidade cotidiana na qual se encarna a vida espiritual. Tudo está contido nos sermões sobre o Cântico: desde a aridez do noviço até alusões às heresias e política do tempo.

A experiência de um monge cenobita é decerto muito pessoal, mas ligada a seu meio. Condicionado pela experiência de uma comunidade que introduz progressivamente num fervor comum, Bernardo atinge até mesmo o sentido moral. Não se trata evidentemente de vícios e virtudes, como nós entendemos na moral, mas da atitude que faz da pessoa a espôsa, introduzindo-a na vida contemplativa.

"O filho está no Pai e este no Filho: unidade sem rugas, ele e o Pai são verdadeira e perfeitamente um. O mesmo acontece com a pessoa cuja felicidade é aderir a Deus (salmo 72); ninguém considere perfeita esta união antes de experimentar que Deus está nele e ele em Deus. Isto não significa que alguém possa pretender ser um com Deus, como o Pai e o Filho são um, mesmo aderindo a Deus e fazendo-se um só espírito com ele (1 Cor 6,17). Ninguém atribuirá a si mesmo esta palavra do Filho Unigênito: eu e meu Pai somos um (Jo 14,11). No entanto, eu que sou cinza e pó, apoiado na autoridade da escritura, não tenho medo de dizer que sou com ele um só espírito, se de fato, através de experiências, posso assegurar-me que tenho adesão a Deus como quem permanece na caridade permanece em Deus e Deus nele... Com efeito, é desta adesão que foi dito: quem adere a Deus torna-se com ele um só espírito!"

O Filho diz: "Eu estou no Pai e o Pai em mim e nós somos um. Ao passo que o homem só poderá dizer: Eu estou em Deus e Deus em mim e nós somos um só espírito. É importante notar a junção que Bernardo faz de Paulo e João: Deus é amor e quem permanece na caridade permanece em Deus e Deus nele". O coração da experiência é o amor!

VIII. COMUNHÃO E CONSTANCIA DE VONTADES

A união mística e a caridade constituem um mesmo mistério. Todos os cristãos, todos os que estão na Igreja — a fortiori os religiosos e religiosas — são convidados a este mistério. São Bernardo todavia dirige-se aqui aos que fizeram a experiência. Todo esse sermão é sobre este tema. Ao finalizar, o próprio Bernardo resume assim: "Para Deus e o homem, a união consiste na concordância das vontades e na comunhão de amor. Feliz união para quem faz a experiência... quem a fez pode exclamar: para mim estar junto de Deus é a felicidade perfeita (salmo 72,28). Isto se verifica se tu podes estar certo de ter aderido totalmente."

Mas quem adere perfeitamente a Deus, senão aquele que se sente amado por Deus e atrai Deus para si, amando-o por sua vez com todo seu ser?

O Sermão LXXIV nos permite penetrar no âmago da experiência espiritual de Bernardo. É um "fragmento claramente auto-biográfico", afirma Dom Dutler, um dos mais eloquentes textos da experiência mística que possuímos. Desde as primeiras linhas pressentimos a incidência da citação de João: Deus é espírito, o espôso é espírito, o Verbo é espírito (n.º 1,3). O Verbum-Spíritus, Cristo ressuscitado, é colocado em relação com o Verbum-Corpus, Cristo em sua vida terrena. A seguir a admirável descrição:

"Confesso, dizendo com simplicidade, que o Verbo me visitou e com assídua freqüência. Mas mesmo tendo entrado freqüentemente em mim, nunca fui sensível à hora de sua chegada. Já o sentia presente, lembrava-me que ele estava comigo, por vêzes tive até pressentimento de que ele viria, mas jamais me dei conta de sua chegada ou de sua partida. Como poderia chegar ou partir? Não o sei... com efeito, não é pelos olhos que ele entra, já que não tem nem forma nem cor perceptíveis; nem é pelos ouvidos, pois sua vinda não produz rumor; sua presença não se manifesta pelo tato, pois ele é intangível!"

Por onde teria ele vindo? Deveríamos talvez pensar que ele não veio só porque não chega de fora? Mas ele não pertence ao número das coisas exteriores. Nem tampouco poderia vir de dentro de mim, já que ele é bom e em mim — bem o sei — nada há de bom!

Galguei os píncaros de meu eu e percebi que o Verbo residia ainda mais alto. Desci como explorador curioso às profundezas de meu ser e constatei igualmente que ele estava ainda mais no fundo. Quando surpreendi meus olha-

res voltados para longe, descobri que ele estava além de tudo que me é exterior. Depois voltei-me para dentro de mim e aconteceu o mesmo. Reconheci então a verdade destas palavras que havia lido na Escritura: "Nêle vivemos, nêle existimos, nêle nos movemos" (Atos 17,28).

Feliz o homem em quem Deus habita, que vive para ele e por ele é movido!

Mas como pude saber que ele estava presente, se os caminhos de sua vinda não podem ser descobertos? Ele vive e tem a plenitude da energia. Penetrando-me despertou-me do sono, vivificou-me, enterneceu e excitou meu coração que estava atordoado e duro como uma pedra. Começou, então, a arrancar e a destruir, a edificar e a plantar, a regar minha aridez, a iluminar minhas trevas, a abrir-me do fechamento, a aquecer tudo o que era gelado, e também a aplainar os caminhos tortuosos e a endireitar as curvas. Agora posso bendizer o Senhor e tudo que em mim existe glorifica seu santo nome.

Foi pelo ritmo de minhas entranhas que eu constatei sua presença. Reconheci sua força de poder porque meus vícios e paixões se amainaram; as discussões ou acusações de meus sentimentos obscuros me conduziram à admiração de sua profunda sabedoria. Fiz experiência de sua bondade nos rápidos progressos de minha vida. Vendo meu espírito renovar-se no íntimo de mim mesmo, constatei um pouco de sua bondade e tomando conhecimento de tudo fiquei comovido diante da imensidão de sua grandeza".

IX. VICISSITUDES DA EXPERIÊNCIA

São Bernardo lembra inicialmente as vicissitudes, as vindas e partidas que caracterizaram uma união com o Verbo aqui na terra. Em seguida indica a transcendência absoluta desta visita e o mistério em que se realiza a experiência. Caminhos que fogem à nossa percepção. Como poderíamos então conhecer sua presença ou sua ausência? Precisamente pelos sinais que revelam sua presença. O Verbo vem e atua. Essa transformação interior é o sinal de sua presença. Os sete últimos sermões que cronologicamente e situam nos cinco anos que lhe restavam sobre a terra, nos conduzem ao auge da união com Deus a que chegou o seu autor.

"Vistes por acaso aquele a quem meu coração ama?" é a pergunta da esposa do Cântico. Também a busca de Bernardo vai se tornando mais intensa e impregnada de paz, sinal de que o término se aproxima. O próprio estilo

perdeu aquele cunho de laborioso esforço para cantar a alegria do amor. Tornou-se mais espontâneo, como que uma exigência natural do coração. A poesia de quem sente o que fala.

Como nô-lo dizem essas penetrantes linhas de Dom Leclercq (Liturgie et mystique):

Bernardo apaga-se diante da verdade que deve testemunhar. Já não fala em seu estilo, parece esquecer que está escrevendo. Inteiramente absorto na experiência de Deus, goza de uma espontaneidade, de uma criatividade inesgotável... quanto mais interioridade, intensidade, experiência e reflexão, mais o estilo era errado...

O sermão LXXXIII parece atingir o sumo da conformidade. É o sponsalício com o Verbo. Mas, por que caminhos? ... Pelo amor! Não há maior felicidade do que essa conformidade, essa consonância de vontades! Nenhum bem mais desejável do que este amor! Já não se contenta mais com a escuta dos ensinamentos dos homens. Quer unir-se diretamente ao Verbo. E esta união total faz com que o querer e a repulsa se identifiquem: os dois já são um só espírito! ... É o amor que reúne dois, não numa só carne, mas num só espírito, no dizer de São Paulo.

Chegamos pois ao ápice: o amor se basta. Amo-o porque amo. Amo por amar... Não busca razões fora de si. O amor se justifica. Deus ao amar nada mais deseja do que ser amado. Ama para que o amem. Deus sabe sobejamente que quem o amar terá acesso à própria felicidade!

X. CONCLUSÃO

A experiência contemplativa é uma atenção, uma adesão, uma intimidade; o amor.

Haverá alguma técnica para se chegar até isto? Sim, se quisermos chamar "técnica" ao único meio que conduz a uma tal experiência: ouvir a Palavra de Deus. E para ouvi-la, escutá-la, recebê-la e reagir diante dela; entrar em diálogo com Deus (em "conversa" com Deus, nos diz o concílio), por meio de sua palavra que é eficaz.

É indispensável que se faça a experiência pessoalmente. É preciso participar, no Espírito Santo, do diálogo de Cristo com o seu Pai. Deus falou uma só vez, mas sua conversa com os homens é contínua e perpétua.

Eis a Lectio Divina. Eis o caminho da contemplação. Eis a oração de que tanto necessitamos, também e sobretudo em nossos dias.



ESTANTE DE LIVROS

HERDER
EDITORA LIVRARIA LTDA.
Caixa Postal, 7 509
SÃO PAULO — S P

RELATIVIDADE E BOM SENSO, de Hermann Bondi. Ano 1971. Páginas 190. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. Um novo enfoque das idéias de Einstein.

O presente livro constitui a primeira apresentação realmente original da teoria especial da relatividade de Einstein. Foi elaborado com o fito de demonstrar que a teoria da Relatividade, longe de destruir a Física clássica, é, antes, o seu prolongamento orgânico e inevitável. É uma obra radicalmente diferente de todos os livros que procuram explicar a Relatividade para não-especialistas.

Ao contrário de autores precedentes, que se esforçaram para estabelecer uma oposição entre a teoria da Relatividade e as idéias de Isaac Newton, Bondi procura filiar a Relatividade às idéias newtonianas. Para ele, a Relatividade não é uma teoria revolucionária que destrói a dinâmica tradicional, mas, sim, um desenvolvimento de noções clássicas, desde que o homem passou a cogitar de velocidades que se aproximam da velocidade da luz.

A prática usual, nos últimos cinquenta anos, era a de tomar a Transformação de Lorentz como ponto de partida. Bondi inverteu o procedimento. Ele parte dos conceitos e dos efeitos para mostrar, a seguir, de que modo conduzem, através de simples recursos algébricos, à Transformação de Lorentz.

Bondi se vale da compreensão de noções newtonianas para apresentar os conceitos relativísticos, e destes se vale para chegar a um tratamento matemá-

tico, processo lógico em que um passo conduz a outro, permitindo que o leitor progrida naturalmente em sua caminhada.

Os principiantes apreciarão as vantagens dessa abordagem da Relatividade. Leitores de limitados conhecimentos matemáticos não deverão encontrar dificuldades para acompanhar as deduções apresentadas pelo professor Bondi e que se fazem indispensáveis para entender aspectos elementares da Relatividade.

TOPOLOGIA, GEOMETRIA PROJETIVA E AFIM, de Z. P. Dienes e E. W. Golding. Ano 1971. Páginas 96. Tamanho 21 x 28. Tradução da edição francesa *Topologie, Géométrie Projective et Affine*, por Maria Pia Brito de Macedo Charlier e René François Joseph Charlier. O volume tem como título geral: *A Geometria pelas Transformações*.

GEOMETRIA EUCLIDIANA, de Z. P. Dienes e E. W. Golding. Ano 1971. Páginas 96. Tamanho 21 x 28. Segundo volume. Tradução da edição francesa *Géométrie Euclidienne*, por Maria Pia Brito de Macedo Charlier e René François Joseph Charlier. Supervisão do Grupo de Estudos do Ensino da Matemática — GEEM — São Paulo. Este volume tem o mesmo título geral do anterior: *A Geometria pelas Transformações*.

FRAÇÕES, FICHAS DE TRABALHO, de Z. P. Dienes. Ano 1971. Páginas 94. Tamanho 21 x 28. Tradução da edição francesa *Fractions, Fiches de Travail*, por Maria Pia Brito de Macedo Charlier e René François Joseph Charlier.

PROCESSOS SENSORIAIS, de Mathew Alpern, Merle Lawrence, David Wolsk. Ano 1971. Páginas 250. Tradução do original americano *Sensory Processes*, de João Cláudio Todorov. Uma edição conjunta da Editora Herder e da Editora da Universidade de São Paulo.

O presente título é um dos integrantes da série **CONCEITOS BÁSICOS EM PSICOLOGIA**, organizada para os cursos introdutórios de Psicologia, ministrados na Universidade de Michigan. A orientação adotada nasceu da observação de que um livro de introdução geral à Psicologia, cobrindo tôdas as áreas, dificilmente logra atender às necessidades específicas de cada uma delas.

Daí a iniciativa de se organizarem textos introdutórios para cada uma das áreas do ensino da Psicologia. Estes textos são, em última análise, capítulos mais desenvolvidos que os comumente encontrados nos manuais atualmente em uso.

Embora organizados, na primeira fase, e por razões práticas, pelo corpo docente da Universidade de Michigan, foi evitada qualquer tentativa de regionalismo, em virtude da inteira liberdade de exposição e de pontos de vista pessoais de cada expositor.

No que toca ao presente tema, a Psicologia Sensorial, ou seja, a análise experimental de como percebemos mudanças em nosso ambiente, sabemos que é o mais velho dos ramos da Psicologia experimental. Antecede, de várias centenas de anos, à própria Psicologia, como disciplina independente. Talvez seja este o motivo pelo qual as questões levantadas pelos psicólogos sensoriais sejam mais apuradas, e as respostas obtidas no laboratório, mais esclarecedoras do que é possível em qualquer outro ramo da Psicologia.

Em nenhum outro tempo, e em nenhum outro campo das ciências que estudam o homem, foi possível traçar paralelos quantitativos tão surpreendentes entre o comportamento de organismos normais, intatos, e eventos físicos e químicos, ao nível celular. Este é um desenvolvimento relativamente recente.

Sendo um texto básico, escrito em linguagem bastante atraente, mostrando aspectos significativos

dos processos sensoriais, enquanto meios pelos quais o organismo se põe em contato com o ambiente, o presente livro se converte em guia de interesse especial para os que se iniciam na área da psico-fisiologia, especialmente no estudo dos órgãos dos sentidos e do ponto de vista psicológico.

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, FUNDAMENTOS, de Moacyr Laterza e Terezinha Azerêdo Rios. Segundo volume. Ano 1971. Páginas 550.

O Professor de Filosofia da Educação da Universidade de Brasília, Prof. Dércio Miotto, respondendo a uma consulta do Diretor da Faculdade de Educação da mesma Universidade, Professor Paulo Vicente Guimarães, a respeito deste volume segundo, escreveu:

— Examinei os originais de "Filosofia da Educação", de autoria de Moacyr Laterza e Terezinha Azerêdo Rios, e, considerando que:

- A obra é de notável valor cultural.
- Versa sobre a filosofia da Educação de modo atualizado.
- Estes escritos virão engrossar a literatura internacional de filosofia da educação que se resente de uma abundante relação de obras específicas sobre o assunto.
- É a principal e única obra realmente de vulto de um brasileiro sobre o assunto.
- Será, fatalmente, recomendada para o curso de Filosofia da Educação desta Universidade e de outros congêneres de Universidades Brasileiras.

Por isso, opino, com entusiasmo, pela sua edição, por parte da Editôra da Universidade de Brasília.

**EDIÇÕES PAULINAS
PRAÇA DA SÉ, 184
CAIXA POSTAL, 8.107
SÃO PAULO — SP**

O PRÓLOGO DO QUARTO EVANGELHO, de A. Feuillet. Ano 1971. Páginas: 300. Tradução do original francês *Le Prologue du quatrième Évangile*.

São João repousava no seio do Senhor, como o Senhor repousava no seio do Pai. Esta inesquecível fórmula, que Orígenes captou nos refolhos de seu cérebro genial, proclama o esplendor do ato teológico. É comunhão ao mistério do Deus vivo, contemplação de sua face em Jesus Cristo.

É na incessante meditação do prólogo, jóia do evangelho espiritual, que a tradição, tanto oriental como ocidental, associou-se à visão daquele a quem chama de teólogo, o contemplativo por excelência, e que foi ela arrastada até o cerne do segredo trinitário.

Deixando-se guiar pela lógica interna de sua obra, que o levava naturalmente a realizar o anseio mais profundo de seu coração, ao comentar o texto evangélico no qual transparece, como brilho, o ful-

gor do mistério eterno de Deus, Feuillet não supunha que, além do mais, êle iria tocar as questões mais relevantes da atualidade: a da natureza da revelação e da historicidade do Evangelho, a dos "cristãos que ignoram" e por aí a das relações da Igreja e do mundo, da teologia e da antropologia.

Paradoxo da pesquisa teológica e exegetica quando se deixa levar na fidelidade total à Palavra de Deus.

Mais do que qualquer outro, Feuillet estava preparado para introduzir-nos na compreensão do prólogo joânico.

Poucos livros, sem dúvida, fornecem, na medida dêste comentário, a viva percepção de até que ponto são indissolúvelmente unidos Mistério de Deus e mistério do homem. Aqui tocamos de perto as preocupações mais modernas confirmadas pelo Concílio em sua Constituição Pastoral sobre a Igreja e o Mundo, e desenvolvida pelo Papa Paulo VI.

— Através da fisionomia de qualquer homem, especialmente quando lágrimas e sofrimentos o tornaram mais transparente, podemos e devemos reconhecer a fisionomia do Cristo, o Filho do Homem, e no rosto do Cristo, podemos e devemos reconhecer o rosto do Pai celeste. "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14,9). Nosso humanismo torna-se cristianismo, e nosso cristianismo faz-se teocêntrico, tanto que podemos igualmente afirmar: para conhecer Deus é preciso conhecer o homem, (C 6,252).

Possam ser muito numerosos os membros do Povo de Deus — bispos, padres ou leigos — que irão ler as páginas magistrais de O Prólogo do Quarto Evangelho. Farão uma inesquecível descoberta: ao tentar compreender, através de tôdas as coisas, o mistério de seu Senhor, é que êles realizarão o esplendor de sua vocação no mundo. Atingirão, como por acréscimo, a mais brilhante atualidade.

INTRODUÇÃO À BÍBLIA, de Pedro Grelot. Ano 1971. Páginas: 450. Tradução do original francês Introduction aux Livres Saints.

Há excelentes traduções da Bíblia, em língua vulgar, muito difundidas hoje entre os cristãos. Mas, a leitura dos livros sagrados exige sempre iniciação. O presente volume pretende auxiliar os leitores a fazê-la com proveito. Que o leitor, porém, não se contente com esta **Introdução aos Livros Sagrados**, mas vá diretamente às fontes. Uma **Introdução** desempenha integralmente sua tarefa quando consegue que a olvidem.

A BÍBLIA NA IGREJA DEPOIS DA "DEI VERBUM", de Lyonnet, Hruby, Zerwick, De La Potterie, Martini, Alonso-Schökel. Ano 1971. Páginas: 200. Tradução do original italiano La Bibbia nella Chiesa dopo la Dei Verbum.

Durante o inverno de 1967-1968, o Pontifício Instituto Bíblico consagrou a série de suas conferências anuais ao estudo do documento conciliar que lhe interessa mais de perto, a Constituição dogmática sobre a Revelação Divina.

Entre os Conferencistas, professores do mesmo Instituto, alguns se propunham expor a doutrina geral de um dos capítulos. Assim, os padres Lyonnet e Martini examinaram respectivamente a noção de Revelação (capítulo I) e o lugar da Sagrada Escritura na vida da Igreja (capítulo VI). P. Alonso-Schökel mostrou como é atual a linguagem do Antigo Testamento (capítulo IV).

Outros procuraram determinar com maior precisão o sentido de algumas asserções. Assim, o P. De La Potterie estudou a gênese e o significado da passagem conciliar referente à verdade na Sagrada Escritura (capítulo III); P. Zerwick, a historicidade dos Evangelhos (capítulo V) à luz da afirmação do capítulo terceiro: "Deus na Sagrada Escritura falou por meio de homens e de maneira humana".

Por seu lado, o Rev. K. Hruby confrontou as declarações do capítulo II sobre a transmissão da Revelação com o pensamento rabínico no tocante à noção de Tradição.

SERVIR, de Agostinho Bea. Ano 1971. Páginas: 200. Tradução do original italiano Servire.

Servir a Deus, eis a maior perfeição e a mais firme garantia da liberdade autêntica do homem. Além disso, é a razão suprema do serviço ao próximo, isto é, do viver pelos outros.

Esse tema, tratado exclusivamente num nível bíblico e conciliar, ninguém, talvez poderia desenvolvê-lo de maneira mais brilhante do que o Cardeal Agostinho Bea, biblista de fama mundial, reitor do Instituto Bíblico e um dos mais eficazes artífices do Vaticano II.

O livro que agora apresentamos foi compilado pouco tempo depois da morte do autor, 16 de novembro de 1968. O serviço de Deus e a liberdade! Não parece um paradoxo? Como é possível conciliar **serviço com liberdade**? Ou escolhemos o serviço dos outros e então adeus liberdade! Ou escolhemos a liberdade, mas neste caso não poderíamos servir aos outros. Realmente é um assunto que deixa o homem de hoje particularmente sensível e ciioso. E é por isso que necessário se torna, pôr às claras as relações que correm entre o serviço de Deus e a liberdade.

Mas não é a atualidade do assunto a única razão de pôr na mesa êste problema. Na própria escritura, em São Paulo, sobretudo, o tema da liberdade está intimamente conjunto com os grandes te-

mas do serviço de Deus, da escravidão do pecado, da liberdade da lei do pecado e com a filiação adotiva que Cristo trouxe ao homem.

SERVIR é um guia para todos. Autoridades e súditos, sacerdotes, religiosos e fiéis não podem deixar de ler estas páginas, fonte inesgotável de reflexão.

TEOLOGIA, CIÊNCIA DA SALVAÇÃO, de René Latourelle. Ano 1971. Páginas: 320. Tradução do original francês *Théologie Science du salut*.

No momento em que a Igreja está preparando a nova Constituição dos estudos teológicos, o Padre René Latourelle oferece-lhe uma contribuição preciosa, apresentando neste volume as quinze disciplinas eclesiais que constituem o arcabouço da teologia numa imagem nova, fruto de experiência e de reflexões profundas.

Pergunta-se êle: Em que sentido sopra hoje o Espírito Santo?

E sua resposta aflora com clareza na síntese feliz de duas linhas de diretrizes que êle segue fielmente e para com as quais a comunidade cristã de nossos dias demonstra particular sensibilidade. O objeto das diversas disciplinas teológicas é hoje o Deus Salvador na sua palavra encarnada, Jesus Cristo.

Seu método é a inserção da ciência de Deus nas ciências do homem, a fim de que tal confluência esteja mais do que nunca a serviço de todo o Povo de Deus e da humanidade inteira.

O MUNDO E A IGREJA, de Edward Schillebeeckx, Ano 1971, Páginas: 400. Tradução do original holandês *Wereld en Kerk*.

Após **Revelação e Teologia e Deus e o Homem**, eis o terceiro volume da coleção dos ensaios teológicos de Schillebeeckx. É difícil tecer comparações e indicar onde se encontra o melhor de sua produção. Erro, porém, não seria se afirmássemos que **O Mundo e A Igreja** recolhe os ensaios mais engajados na realidade, mais avançados no tempo, inteiramente voltados para o futuro.

Há muitos anos vem o autor sustentando que o mais grave problema sócio-eclesial, hoje debatido, são as relações entre o mundo e a Igreja. Uma nova forma de viver o cristianismo está em gestação. O Concílio traçou algumas linhas fundamentais. Não entrou em detalhes. Imensa é a tarefa que os teólogos e todo o povo de Deus devem realizar.

Os ensaios deste terceiro volume oferecem-lhes uma notável contribuição, pois vital é o interesse dos temas tratados para esclarecer e determinar a nova fisionomia do cristianismo no mundo de hoje e de amanhã. Um simples olhar para os títulos já nos revela a importância da obra: cristianismo e humanismo e progressismo social; cristianismo e comunismo; cristianismo explícito e anônimo; religião e eclesialidade; visão cristã do cosmo, da matéria e do corpo humano; esperança cristã e messianismos terrenos; sociedade pluralista, liberdade de consciência e religião; secularização e laicismo; caridade cristã e formas de assistência social e pública; universalidade e fé cristã; responsabilidade do intelectual católico perante o futuro.

O profundo e lúcido conhecimento dos princípios filosóficos e teológicos, a ampla visão das correntes culturais contemporâneas levam o autor a sugerir soluções sempre equilibradas e bem motivadas.

Não só o clero, mas em particular os leigos apostólica e politicamente engajados, poderão tirar grande proveito destas páginas.



CADA UM DÁ A SUA OPINIÃO

Nesta época de viagens espaciais, que enfatizam a imensidade do universo, os homens devem ampliar seu conceito de Deus e reconhecer que êle não é uma deidade local de seu planeta, mas o criador e o mestre de tudo. Não há, certamente, razão por que Deus não possa manter no mundo moderno a mesma posição que mantinha antes de nós começarmos a examinar sua criação com o telescópio e o ciclotron. Tenho dificuldade em compreender um cientista que não reconhece a presença de uma razão superior por detrás da existência do universo como também um teólogo que negue os avanços da ciência. **Wernher von Braun, principal cientista do Projeto Apolo, membro da Igreja Episcopal.**



É pernicioso e demolidor nos dias de hoje a preocupação de facilitar a prática de uma religião que tem no mistério pascal — Cruz e Ressurreição — o seu fundamento.

*O sentido
da
Escritura
é
sua
direção,
Claudel*

PALAVRA E VIDA

Donde me veio a idéia de consagrar especialmente à Palavra, esta reflexão?

Do fato que, no mundo moderno, o abuso da palavra humana parece tornar ainda mais difícil a tarefa daqueles que devem anunciar a palavra divina.

A evangelização é mensagem a ser transmitida. E uma das formas de expressão dessa mensagem será a **Palavra**. Esta palavra, para ser pregada, deve ser vivida. Mas é preciso que a Boa Nova seja anunciada aos homens.

Como traduzir essa intervenção de Deus na história humana, para salvar o homem do pecado, comunicando-lhe a vida trinitária?

Naturalmente, em nosso espírito, não separamos a Palavra de Deus do Mistério de salvação que a Eucaristia realiza. Eis porque o plano deste trabalho é refletir sobre a **Palavra Criadora** que chega à Encarnação do Verbo, para novamente subir ao Pai, sempre vivificada pelo Espírito.

Acrescento ainda que, como escreve Pascal nos **Pensamentos**, "se alguns autores dizem: meu livro, meu comentário, minha história, fariam melhor dizer: nosso livro, nosso comentário, etc., visto que, de ordinário, ali se encontra mais o bem alheio que o deles próprios."

Nosso trabalho é, pois, uma reflexão que tende simplesmente a aprofundar idéias recebidas, com o desejo de melhor transmiti-las, tendo-as melhor compreendido.

Irmã Carmen Maria,
Religiosa
do Sion

No princípio era o Verbo

E Deus disse. E Deus chamou. E Deus abençoou.

O mistério da Palavra Criadora, unido ao do Nome e da Bênção, nos impressiona, desde os primeiros versículos do Gênesis. Deus mantém os seres na existência, "chamando-os". Toda criação é **Chamada. É vocação.**

"Tema ao Senhor toda a terra;
Reverenciem-no todos os habitantes do globo.
Porque ele disse e tudo foi feito;
Ele ordenou e tudo existiu" (Sl 32,8-9).

A Palavra onipotente assegura a **Vida**. Ela opera o que exprime. Ecoa no silêncio e tudo lhe obedece. Deus é o primeiro a amar e, desde o primeiro instante, é Aquêle que dá, Aquêle que cumula, Aquêle que age para o **Bem** do homem, realizando pela sua Palavra, a vitória da luz sobre as trevas, da ordem sobre o caos, da Vida sobre a morte.

É, a obra de graça que começa, que continuará através de um povo escolhido, que atingirá toda a humanidade **pela Redenção**. Obra divina a que nenhuma atividade humana pode ser comparada.

Iniciativa de Deus, tirando do nada o universo, dando a vida ao homem, chamando-o a uma **Finalidade**, que não é outra, senão Ele mesmo. Israel, como o cristão, reconhece nesse Deus único, aquêle que o conduz após tê-lo criado. O universo tem, doravante, um sentido sagrado, e o homem ali aparece como um fecho de abóbada, à imagem e semelhança do Senhor.

"In principio erat **Verbum**." Verbo que é chamado, donde tudo se origina, que dá a vida e a mantém. Verbo de Deus, jorrando de seu seio, para criar o homem e cumulá-lo.

— A criação inteira, não só é chamada por Deus, mas **está em movimento** para Ele. As transformações que prepararam a realidade humana, tornada enfim cristã, são etapas da grande caminhada, cujo alvo é o Senhor. Não são evoluções do acaso, são ensaios, experimentos de seres tensos para a frente, de forças em **vir a ser**, que respondem a um **chamado**. A complexidade crescente da matéria vai de par com uma interioridade progressiva, uma tomada de consciência mais nítida, tendo por termo o aparecimento do homem, do indivíduo que pensa, do ser que, não só responde, mas **sabe** que responde (Teilhard de Chardin).

O homem coloca-se então, à frente da evolução que continua, dominada por ele, guiada por ele, regida por ele, lúcida. As conquistas da ciência somam-se às da sociedade, da arte, da história, do amor, a caminho da **Unidade no Cristo**, Princípio e Fim, Alfa e Ômega.

No interior do homem, a evolução cósmica transforma-se em progresso espiritual. Nêle, toda a história do mundo parece desenrolar-se numa luta

constante entre o mal que pesa com todas as suas correntes, e o bem que quer ser, incessantemente, acolhimento ao **Verbo** que opera em qualquer alma resgatada.

— A criação não é um fato passado, é uma realidade permanente. Deus não cessa de chamar-nos e de manter-nos na existência, por êsse apêlo (Ch. Guelluy).

O universo visível, prolongamento do Deus feito homem, tende para a vida trinitária, com e por Cristo. Definitivamente, toda a criação tem um sentido: fazer brilhar o mistério de misericórdia, em cuja origem há um chamado. **Uma Palavra.**

Para apresentar ao homem êsse mistério de salvação, que se desenrola no tempo, até a Encarnação do Verbo, é **preciso** conhecer o texto sagrado onde a Palavra divina nos é comunicada. Ora, êsse texto apresenta várias dificuldades. Sua preservação não foi melhor que a dos textos profanos e, com os anos, afastou-se, às vezes, da forma original. Daí, dificuldades e lacunas que obrigam a nunca nos lançarmos numa interpretação pessoal arbitrária; mas a nos referirmos sempre a uma exegese segura.

O estudo do hebraico pode ajudar, embora haja poucos textos hebraicos antigos, exteriores à Bíblia, e poucos textos antigos, em línguas semíticas, aparentadas com o hebraico. Por isso, mesmo com êsse esforço, certas expressões permanecem obscuras. De outro lado, nossas línguas modernas não possuem aquela característica existencial das expressões semíticas, e permanecem demasiadamente nacionais e conceituais em sua tradução do pensamento hebraico.

A personalidade dos autores, muito marcante em seus escritos, parece às vezes reduzir a universalidade da mensagem. As inexatidões científicas, históricas, as contradições nas datas, os números inverossímeis, as hipérboles, as imprecisões de linguagem, tudo isso pode parecer, a princípio, uma dificuldade quase invencível.

Para algumas pessoas, haverá também a repugnância a vencer diante de uma moral que nos parece bárbara: lei do talião, ordem de massacrar o inimigo, poligamia, mentira, etc... A imagem de Deus parece tão difícil de aceitar.

— Será Javé um Deus nacional, confinado na Palestina, endurecendo o Faraó, para fazer brilhar o seu poder, atacando, às vezes, os próprios servos, "causando" o pecado para realizar seus desígnios, parecendo gostar da oração particularista, vingativa?

Onde encontrar a limpidez da Revelação que deve ser transmitida, através de tantas limitações? Como podem êsses escritos difíceis tornar-se, para nós, a mensagem, a Palavra divina?

É preciso, antes de tudo, modificar a idéia que temos da Palavra de Deus. Essa Palavra, embora confiada a homens que a traduziram em palavras

humanas, ultrapassa, com toda a sua transcendência, as expressões imperfeitas. Deus aceita falar a linguagem do povo para elevá-lo progressivamente até Ele. Através dos pormenores de um texto impreciso, a narrativa em seu dinamismo e em sua força oculta revela-nos Deus e torna-se Sua Palavra. Essa Palavra é acontecimento, progresso, movimento e unidade. Ela é **Presença** do Senhor no tempo.

“O sentido da Escritura é sua direção”, nos diz Claudel. As imprecisões, as inexatidões, a moral discutível, não mostram, senão mais claramente, o longo caminhar da humanidade para a Palavra Encarnada, que é o Cristo.

Esse penoso esforço é marcha que o próprio Deus quis difícil e longa, mas através da qual brilha o poder de Sua Voz, com toda a força e majestade.

“A Bíblia não nos é dada para trazer-nos os pormenores do passado. Deus fê-la para dizer-nos seu desígnio, que vai de outrora a amanhã e para no-lo dizer hoje” (A. George).

“A narrativa sagrada relata, em linguagem simples e figurada, adaptada às inteligências de uma humanidade menos desenvolvida, as verdades fundamentais, pressupostas à economia da salvação, ao mesmo tempo que a descrição popular das origens do gênero humano e do povo” (Com. Bíbl. 1948).

A Bíblia deve pois ser para nós, mesmo nos pormenores circunstanciados, por vezes, difíceis, a expressão de uma Palavra divina em marcha para a **Finalidade** conhecida só de Deus ao qual tendemos pelo mais profundo do nosso ser.

“Quando a noite chegava no meio de seu rápido curso, do Alto dos céus Tua Palavra Onipotente precipitou-se do trono real” (Sabedoria 18,14).

Israel, povo da palavra

Foi preciso ao povo eleito o sofrimento do exílio para que compreendesse que em toda parte seria o povo de Javé, pois é o povo da palavra. Foi no exílio que se preparou o novo Israel entrevisto pelos profetas, e preparou-se pela meditação dos Textos Sagrados. A Sagrada Escritura torna-se a razão de ser do povo da Aliança e, até os nossos dias, Israel é o guardião da Palavra perante a qual brilha sempre uma lâmpada na Sinagoga. É uma Presença real, pois, com efeito, “está viva a Palavra de Deus, é eficaz e mais incisiva que uma espada de dois gumes”, nos diz S. Paulo.

Ela penetra até o ponto de separação da alma e do espírito, das articulações e da medula. Ela pode julgar os sentimentos e os pensamentos do coração.

Por isso, não há criatura que permaneça invisível diante dela. Tudo é nu e descoberto aos olhos daquele a quem devemos prestar contas.

Essa Palavra

que Israel conservou,
que ele deu ao mundo,
é sempre Deus presente
ao povo que busca
a sua face.

Povo marcado, desde o início,
por um chamado de amor,
uma vocação única.

Originário de um grupo aramaico, vindo de uma região imprecisa, entre o Eufrates e o Mediterrâneo, o clã de Terah — pai de Abraão — depois de ter morado na região de Ur, na Caldéia, instalou-se em Haran. Ali situa-se, 1950 anos antes de Cristo, a vocação de Abraão, que é a de todo o povo de Israel.

Com Abraão, a Palavra de Deus aparece ainda mais claramente como uma iniciativa da graça, pedindo uma resposta do homem. Estamos, mais uma vez, no Mistério da Vocação. A resposta de Abraão é um ato que engaja, um ato de fé, de esperança e de amor.

Deveríamos aqui examinar as características da Vocação, de qualquer chamado divino, dirigido ao homem:

- ◆ A eleição está sempre ligada à Palavra de Deus que diz sua Vontade e pede uma resposta.
- ◆ A iniciativa é de Deus. É Ele que irrompe numa vida.
- ◆ Essa escolha é gratuita. Deus não escolhe seus instrumentos, segundo as qualidades humanas. Sua escolha não tem outro motivo a não ser o amor.
- ◆ A resposta que Deus espera depende unicamente do homem, que responde livremente a essa escolha.

Impõe-se uma reflexão sobre essas características de qualquer vocação, no Antigo como no Novo Testamento.

Só Deus pode chamar a seu serviço. Em toda vocação há... **Separação, Sacrifício e Promessa**, que estabelecem um elo permanente entre o homem e Deus: “Os dons divinos são irrevogáveis. Não é, pois, escolhido quem quer. Só Deus pode constituir apóstolos, e devemos pedir-lhe que os crie. Toda vocação é uma nova criação. Essa criação pode dar-se em qualquer tempo, em qualquer país. Não duvidamos nós, às vezes, da vocação — criação, pensando que nosso apostolado pessoal atrai ou não, novos

apóstolos? **Só a Palavra dinâmica do Senhor** pode obter uma resposta livre, do homem que entra a seu serviço.

Para servi-lo, é preciso deixar tudo, e para sempre. Nenhum poder humano pode impor isso a uma criatura. **Só Deus chama.**

Ao chamado de Deus, Abraão engaja-se:

— **O Senhor disse a Abraão:**

**Deixa tua terra,
tua família
e a casa de teu pai,
e vai para a terra
que eu te mostrar . . .**

**Abraão partiu
como o Senhor tinha dito,
e Lot foi com êle.**

**Abraão tinha 75 anos
quando partiu de Haram
(Gên 12,1.4).**

Aqui, um parêntese necessário, para inclinar-nos sobre a importância do **Nome**, no mistério da vocação. O nome exprime freqüentemente, na Bíblia, a missão dada por Deus a um ser. Desde a criação, Deus quis que o nome fôsse mudado, para designar o mistério da vocação.

“Já não te chamarão Abrão, mas Abraão, pois farei de ti o pai de uma multidão de nações” (Gên 17,5).

Essa mudança dá a Abraão uma nova personalidade. Deus toma posse de sua vida. O Eterno ainda diz:

“Não chamarás mais tua mulher Sarai, mas Sara. Eu a **abençoarei** e te darei um filho. Eu a abençoarei, ela será a mãe das nações; e reis nascerão dela (Gên 17,15). Sara, tua mulher, te dará um filho. Chamá-lo-ás Isaac.” (Gên 17,19).

Na revelação da misteriosa vocação de Abraão, o nome e a bênção, como na criação do mundo, ainda são a própria expressão da vontade divina. Essa vontade, após a luta misteriosa do grande patriarca Jacó, mudará também o seu nome e lhe dará o **de Israel**, identificando o seu destino com o do povo da Aliança. Essa vontade enfim, pelos lábios do Cristo, dará a Pedro seu nome novo e o estabelecerá como chefe da Igreja.

Quando Deus une Sara a Abraão, nas origens do povo eleito, marca ainda uma vez, como na criação, seu desejo de associar a mulher ao homem, na resposta a seu chamado. Desde os primeiros capítulos do Gênese, até à Encarnação do Verbo, e à plenitude dos Tempos, a mulher tem um papel a representar, querido por Deus, na história da salvação. Eva tem a mesma natureza que Adão. A mulher, no desígnio de Deus, foi resgatada como o

homem. Tem direito, como êle, às mesmas graças, e ao mesmo destino eterno.

Mas, embora tendo em Israel lugar superior ao que lhe dá o mundo oriental, a mulher não parece ser ali tida em grande dignidade. Leiamos esta oração que o judeu piedoso ainda repete: “Bendito sejas, nosso Deus, por não me teres feito nem gentio, nem **mulher**, nem ignorante.” E a mulher, resignada, repete: “Louvado sejas, Senhor, que me criaste **segundo tua vontade.**” Foi necessária a vinda do Cristo, para elevar e consagrar a dignidade da mulher. Jesus quis nascer de uma mulher, e de uma mulher que permaneceu virgem, isto é, fiel, num amor exclusivo a Deus.

Preparada pelas outras maternidades de pura graça do Antigo Testamento, a de Maria vem mostrar mais uma vez, no mistério da Eleição, a gratuidade dos dons divinos. Esse valor sacral da virgindade, num milagre de fecundidade, unir-se-á ao das **núpcias** entre Israel e seu Deus, entre o Cristo e a Igreja.

No ponto de junção das duas alianças, Maria — filha de Sião — bendita entre tôdas as mulheres, destrói o antigo desprezo do povo de Deus pela virgindade, que equivalia à esterilidade, para dar-lhe todo o seu valor, revelado plenamente pelo Cristo.

A mulher aparece então, não mais apenas restabelecida na sua dignidade, mas libertada, por uma graça de eleição, de sua sujeição ao homem em relação a Deus.

A condição do casamento permanece um grande sinal, querido pelo Senhor, mas é dada a possibilidade, aos que querem, de permanecerem virgens, na esperança inteira do Reino. Este sinal, acrescentado ao primeiro, de tensão escatológica, alegre e permanente, na virgindade, dá à mulher, como ao homem, pelo Cristo, sua grandeza total.

Abençoados por Deus são aqueles que, pelo casamento, se tornam “uma só carne” e povoam a terra. Mas haverá também, sempre, aqueles que, atentos à Palavra de apêlo, revelarão ao mundo a Igreja-Virgem, cujo único Espôso é o Cristo.

A palavra de Deus permanece pois absolutamente essencial, para que o homem se ponha a caminho em sua direção.

É **escutando** que êle entra em comunhão com o Senhor. Abraão foi transformado pela Palavra e, com êle, começa a longa história de toda vocação humana.

“Abraão creu em Deus e isso lhe foi tido como justiça” (Gên 15,6; Rom 4,3; Gál 3,6).

Palavra, Aliança, Promessa. Esses três termos estão, por assim dizer, personificados em Abraão. Essa palavra de chamado cria um povo, que será o da Aliança, logo, da promessa, até a plenitude dos tempos.

Foi a palavra que suscitou a posteridade de Abraão, por Sara, liberta da esterilidade. É essa mesma Palavra que cria.

“Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai, e vai para a terra que eu te mostrar. Farei de ti uma grande nação. Eu te abençoarei e exaltarei o teu nome, e tu serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. Todas as famílias da terra serão benditas em ti” (Gên 12, 1-3).

O próprio Deus toma em mãos o destino do seu povo e abençoa os que o abençoam e amaldiçoa os que o amaldiçoam. Terrível aviso para os que perseguem esse povo, pois “os dons de Deus são inalienáveis.”

E a história continua.

Com Moisés, condutor do povo escolhido, a Palavra se torna a **Lei** e o mistério do nome será o do próprio Deus. Moisés é aquele a quem a Lei foi dada e a quem foi dito o nome de Deus. “Sou Aquêlo que sou. É assim que responderás aos filhos de Israel. **Eu sou** envia-me a vós” (Êx 3,14). O respeito envolverá esse nome e já não se ousará pronunciá-lo. Ele será substituído por Adonai, Kirios, Dominus. Já não é Eloim, o Deus distante, é o Deus Pessoal, com o nome próprio de Javé.

A marcha do povo levado pela Palavra, continua através dos **Profetas**.

O povo se apercebe de que Deus é o Senhor absoluto que, às vezes, exige a luta, a renúncia, a separação, para purificar e esclarecer. A criação que continua, para dar a vida verdadeira, impõe sofrimentos e rupturas que chegam a uma liberação. Vida de povo livre, mas sempre em caminho após ter renunciado a qualquer esperança humana, sem outro apoio senão o Verbo de Deus. Dado a um nomadismo que parece ser a condição mesma da Presença divina, Israel encontra Deus em toda parte, com a condição de não parar em lugar algum. E os **Profetas** parecem assegurar a autenticidade da palavra, clamando-a em alta voz. “Vai, profetiza a meu povo” (Amós 7,16).

“Eis que ponho minhas palavras em tua boca” (Jer 1,6).

“Vossos pensamentos não são os meus pensamentos, nem vossos caminhos os meus” (Is 55,8).

Seria a união dos profetas com Deus mesmo física? Torna-se o homem instrumento da divindade? A Palavra criadora, que o tirou do nada vai suscitar a resposta através da revelação profética. A eficácia da Palavra dos Profetas é admirável e opera o que significa, como a bênção ou a maldi-

ção. Ela parece marcar os destinos da nação, infundir em Israel o mesmo espírito de vida que fôra, no comêço infundido em Adão. “Eu farei de minhas palavras, em tua boca, um fogo e, do povo, madeira que esse fogo devorará” (Jer 5,14).

O oráculo de Ezequiel sobre os ossos ressequidos (Ez 37,3,10) vem dar-nos, em visão, a identificação da Palavra de Deus com o próprio Deus que cria. “Caminheemos, por esses atos transitórios da Palavra que dá a vida, para a Palavra permanente, substancial, que é o Cristo” (Roquet).

Doravante, Deus, pelo seu Verbo, parece tirar do próprio homem e do seu poder íntimo, de acordo com o poder divino, o ato que conserva um povo inteiro ligado a êle. Por isso, o conduz ao deserto, castiga-o e cumula-o de bens.

“Conduzi-lo-ei ao deserto
E falarei a seu coração” (Os 2,14).

A PALAVRA ENCARNADA

Os séculos prepararam aquela na qual a Palavra fêz-se carne: Maria, filha de Israel. Sua vida inteira cabe nesse gesto secreto de abertura total à Palavra. A grandeza de Maria consiste em escutar, em guardar, em viver. Compreendeu totalmente que o que seria feito nela, sê-lo-ia **pela palavra**. “Faça-se em mim segundo a tua Palavra”. “E a Palavra se fêz carne”. Deus a habita. Meditaremos durante toda a vida esse mistério, sem que o coração chegue à saciedade.

A Palavra age pelo Espírito, quando Maria dá seu consentimento. Ela permite-lhe, por esse consentimento, que se torne nela, não só **eficaz mas visível**.

Israel atinge, por Maria, a plenitude da Revelação, como nos diz o Proólogo de S. João:

— O Verbo fêz-se carne e habitou entre nós. E nós vimos sua glória, glória que recebeu do Pai como um Filho único, cheio de graça e de verdade.

E sua primeira epístola onde passa toda a sua alma:

— O que era desde o comêço, o que ouvimos, o que vimos com nossos próprios olhos, o que contemplamos, o que nossas mãos tocaram do **Verbo** de vida, nós vo-lo anunciamos (1 Jo 1,2).

A Palavra que se encarna é a Palavra criadora, a Palavra da Lei e dos Profetas. Os termos de S. João são um lembrete da criação, da espera que o Cristo viria suprir. Aquêlo que se encarna é o que tirara do nada o universo, que tinha falado a Moisés; que “veio entre os seus” e que “os seus não receberam.” É o próprio Deus em seu Filho. “Após ter falado a nossos Pais pelos Profetas, Deus nos falou pelo seu Filho” (Heb 1,1).

A revelação levada ao termo, é também a bênção que chega. Jesus vem para dar a conhecer o Pai e para levar os homens a esse Pai.

Antes dêle o mundo tendia para a Encarnação. Com Ele, tende a seu triunfo. O Cristo é, doravante, a **Palavra Encarnada**, diante da qual todo homem deve tomar posição. Quem acolhe o Verbo, entra na vida. Quem o recusa, caminha para a morte. Os próprios limites, que a Encarnação impõe ao Filho de Deus, desnorteiam aqueles que temem os riscos da fé. É um mistério de rebaixamento, com tôdas as conseqüências que isso acarreta.

O Verbo de Deus imortal, eterno por sua natureza e tornado temporal "temporalis factus" pela própria vontade, submetido à condição humana, nascendo de uma mulher, em determinado povo, sujeito à lei, conduzido ao sofrimento e à morte, trazendo a condenação inscrita em sua carne (Gál III e IV), é escândalo diante do qual são numerosos os que recuam.

No entanto, aí está **tôda a fôrça do Cristianismo**.

A Encarnação do Verbo tende para o Mistério Pascal em que o Senhor se tornará inteiramente Salvador. A Encarnação pede e fundamenta a Páscoa. O Senhor é levado à morte, para desabrochar na Ressurreição tôda a sua potência salvífica. A salvação inteira será, desde então, considerada em função da **Encarnação Pascal**. E chegamos ao âmago do mistério cristão.

"A Páscoa do Cristo realiza a Pessoa do Cristo. É impossível entrever o mistério da Pessoa de Jesus, fora de sua **obra pascal** de salvação. E o Verbo de Deus encarnado diz todo o seu Mistério no e pelo movimento de Páscoa. Pois esse mistério é um movimento, uma relação: Jesus vem do Pai e vai ao Pai. E esse movimento traduz-se humanamente pelo mistério de Vida, Morte e Ressurreição. O Cristo continua, assim, a história da salvação e assume-a, para continuá-la em sua Páscoa, passagem ao Pai, com a humanidade salva" (Hitz).

Compreendemos, mais que nunca, que o caminho para Deus não pode ser senão o Cristo, e que não podemos falar de Deus a não ser em seu Filho, **Verbo Encarnado**.

Esse Verbo — que é o próprio Cristo — foi confiado à guarda da Igreja. A proclamação (Kerigma) de Jesus, Senhor e **Salvador** do mundo é um **dever** para todos os que o conhecem. A grande mensagem pascal concerne a qualquer homem e deve ser levada a todos. Quer escutemos João Batista, Pedro, Paulo ou João, os apóstolos ou os evangelistas, o grande chamado que ecoa é um apêlo à conversão no e pelo Cristo. A Palavra requer uma resposta e esta deve ser um engajamento.

A Igreja continuará a anunciar, até o fim dos tempos, o Cristo morto por nós e ressuscitado; o Espírito Santo operando nos corações; a Parusia

do Senhor nos tempos vindouros. O acontecimento pascal é pois, o centro de todo o ensinamento da Igreja, e se a proclamação desse mistério exige a conversão do homem, é porque não vem do homem; ela é Palavra de Deus. Para ser salvo, é preciso crer, e, para crer, é preciso ouvir a Palavra.

Uma Igreja que se calasse diante de falsas doutrinas humanas, teria traído o seu mandato. O apóstolo deve pregar a Palavra que não vem dêle, anunciá-la "a tempo e a contratempo," é a palavra de S. Paulo, sempre verdadeira; — êle não fala em seu nome. Acolhestes a Palavra que vos fazíamos ouvir, não como uma Palavra de homem, mas como o que é realmente, a Palavra de Deus" (1 Tim 2,13).

O Cristo, que o apóstolo anuncia, foi crucificado antes de entrar na glória. Aquêle que o prega deve pois, estar pronto para compartilhar sua sorte, e sua vida será então, transformada por essa Palavra que é o próprio Cristo.

Palavra vivida em ato, na vida sacramental.

A vida de qualquer cristão, pelos sacramentos, também uma nova criação. O batismo faz-nos entrar no reino, como Israel na Terra Prometida. A Eucaristia realiza o que o Êxodo havia anunciado. Dá-nos em alimento o próprio Cristo, restabelece a Aliança, permite a comunhão com Deus. É o verdadeiro banquete nupcial onde o Espôso une-se à espôsa, não mais na promessa, mas substancialmente.

Se meditarmos o mistério da Eucaristia, veremos que ela nos introduz num mundo nôvo, para o qual tendemos com todo nosso ser, e ao qual, pela união sacramental ao Cristo ressuscitado, já temos acesso. O rito pascal era, na lei antiga, um rito de passagem. A lei nova não faz senão acrescentar a essa realidade a fôrça que a leva a sua plenitude; passamos com e pelo Cristo, em sua própria vida à qual comungamos. É a verdadeira Koinonia que nos liga a Deus e que, segundo S. João, nos torna, assim, presentes a nossos irmãos, no amor, fazendo já viver, por antecipação, a alegria de estar para sempre em Deus.

TRIUNFO DA PALAVRA PELO ESPÍRITO

"O Verbo fêz-se carne" e revelou-nos Deus. Antes de deixar êste mundo para voltar ao Pai, o Cristo dirá:

Se alguém me amar, guardará minha Palavra e meu Pai o amará e nós viremos a Êle e faremos nêle nossa morada. Disse-vos essas coisas quando permanecia convosco, mas a Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos lembrará tudo o que eu acabo de dizer-vos (Jo 14, 23,25,26).

O Espírito está sempre operando na Igreja, para fazer-nos continuar o caminho. Ele está na origem dos gestos cristãos mais humildes como nos mais brilhantes; ele vive no coração de cada homem, conduzindo, com o espírito de cada um, o diálogo que o faz "ser" diante de Deus.

Como não seria uma Pessoa? Paulo a adora ao lado do Pai e do Verbo, e a Igreja batiza em nome das três Pessoas. Ele não tem, entretanto, nem rosto particular nem função pessoal aparente que lhe imprima sua marca. O Verbo tem sua fisionomia inesquecível, suas palavras de tom inimitável. O Pai é visível em seu Filho. O Espírito não tem rosto. Não tem nem mesmo um nome que seja próprio. É tão intocável como o vento. Há todavia uma correspondência constante entre o Espírito e a Palavra. Os que falam em nome de Deus são bruscamente apreendidos, tirados de si mesmos pelo Espírito, lançados à ação, obrigados a anunciar a Palavra.

"A Palavra inspirada é fruto do Espírito que sopra. As duas potências são inseparáveis. A Palavra impõe-se, o Espírito é fluido, infiltra-se sem ser visto. A Palavra faz-se ouvir e conhecer; ninguém conhece os caminhos do Espírito. A Palavra é revelação, o Espírito é transformação interior. A Palavra ergue-se subsistente. O Espírito espalha-se, submerge. Por sua Palavra, Deus ilumina, traça o caminho, significa sua vontade, dá o sentido da história, fixa a orientação do futuro. Pelo seu Espírito, ele transforma os corações, os trabalha, faz deles seus portadores e mártires.

A missão de Jesus é de falar, de anunciar, de revelar o Pai, de nos levar a Ele. Quando Ele parte, a missão do Espírito é de fazer que as palavras do Cristo penetrem os corações. Não é uma revelação nova; é a interiorização da Mensagem. O Espírito fala de Jesus e só tem um movimento, em direção do Pai" (**Temas Bíblicos, Guillet**).

"Doravante o Espírito Santo permanecerá na Igreja". Esse Espírito ilumina aqueles que o escutam. É o que nos diz tão fortemente Karl Rahner, em sua obra "**Missão e graça**":

◆ Os detentores do magistério da Pastoral oficial se enganariam em seu papel de anunciadores da Palavra, se julgassem poder ou dever apresentar o cristianismo como se o homem ao qual a Palavra é dirigida, não tivesse para com ela, na melhor das hipóteses, outra receptividade a não ser a de uma sala vazia ou de um garoto que, pela primeira vez, ouve falar da Austrália, na aula de Geografia.

◆ Nossa pregação foi sempre precedida pela visita de Deus, e de sua graça. O homem é pois, sempre, num sentido verdadeiro, um cristão, quando vamos a seu encontro: não está ele já incluído no desígnio de Deus e na sua vontade universal de salvação? Não foi ele resgatado pelo Cristo? E já no centro mais íntimo dele mesmo se acha a graça que

vive e que o inclina, pelo menos como uma possibilidade oferecida, para agir segundo Deus."

A Vitória do Cristo é total. A nossa ainda não o é. Devemos caminhar para o triunfo da Palavra fecunda pelo Espírito, quando toda a criação, assumida pelo Cristo, fôr Palavra que canta eternamente a glória de Deus.

Esse triunfo está cada dia mais próximo. "Vinde, Senhor Jesus." Revelação suprema de que o Apocalipse nos dá as primícias na maravilhosa perspectiva escatológica de S. João:

— Então, eu vi o céu aberto e eis um cavalo branco. Aquêles que o monta se chama Fiel e Verdadeiro. Ele julga e faz a guerra com justiça. Seus olhos? uma chama ardente; sobre sua cabeça, vários diademas; o manto, que o envolve, está embebido de sangue. E seu Nome? **O Verbo de Deus** (Apc 19, 11,13).

Impõem-se conclusões: Aquêles, que anuncia a salvação, é um servo da Palavra. Para dar-se a conhecer, Deus fala; Ele nos confia a mensagem, que devemos transmitir. Escutemos primeiro essa mensagem em nós. Acolhamos. É o próprio Cristo. Contemplemos. É uma Pessoa: o Verbo Encarnado. Ele nos pedirá uma adesão plena. Não uma visão intelectual da Revelação. Não um sistema ou um conhecimento abstrato, mas um movimento do ser todo inteiro. Ele nos falará e nós só falaremos do que Ele nos disser. Não o faremos sozinho. Sua Palavra será também uma presença à qual deveremos referir-nos, em tudo, por uma contemplação íntima e fiel. O apóstolo é aquêles que ama, o que crê e, sobretudo, o que contempla.

Sua palavra suscitará então, nas almas, a resposta que a mensagem de Deus espera dos homens. E esta resposta não virá tampouco da criatura. Será ainda a Palavra de Deus agindo nos sacramentos. A ação do enviado depende explicitamente da Palavra de Deus e essa Palavra em nós é fecundada pelo Espírito.

Nossa missão é a de Maria: acolher a Palavra, para que se encarne em nós e seja dada. Esta encarnação consistirá, sobretudo, numa comunhão com o Cristo e com os homens.

◆ Uma comunhão de vida: solidariedade com nossos irmãos, pobreza de meios naturais, confiança na única eficácia da Palavra mesma.

◆ Comunhão de linguagem: há uma só linguagem universal, a do amor. Essa linguagem deve ser, aqui na terra, a nossa. Um homem que não assumisse o homem ao qual se dirige, que não comunhasse com ele, seria infiel à Palavra do Deus encarnado. É evidente que nossa ação deve ser pensada profundamente, por fidelidade à Palavra. É preciso, entretanto, fazer decorrer toda nossa ação, da Mensagem revelada.

Podemos partir de uma visão racional para chegar à Palavra; mas devemos estar à escuta da Palavra que nos dará os meios de descobrir a melhor maneira de transmiti-la. Será preciso, às vezes, utilizar um plano, uma técnica, mas pondo sempre a nossa confiança, não em sua eficácia material, mas no Poder de Deus de quem somos os instrumentos.

“Só Deus fala bem de Deus”, nos diz Pascal. E não podemos falar do Senhor, senão situando-nos Nêle”.

Isso nos dará, não a auto-suficiência daquele que tem resposta para tudo, mas a confiante simplicidade daquele que acolhe o Verbo eterno numa alma de pobre.

Conheceremos nossos irmãos, se estivermos em comunhão com eles. Respeitemos as mentalidades, as realidades vividas pelos indivíduos, as personalidades, os valores humanos.

Compartilhemos da vida dos que nos cercam e caminharemos com eles preparando a Vinda do Senhor.



Buscar soluções aos problemas de hoje e manter fidelidade ao Evangelho. Servir a Deus e em Deus servir os homens. Só o Evangelho é capaz de ficar inalterado numa constante e renovada encarnação das situações humanas. **Cardeal Eugênio Sales, Rio de Janeiro.**



ORAÇÃO DE UMA CAMPONESA DE MADAGASCAR

*Senhor, dono das panelas e das marmitas:
Não posso ser a santa que medita
aos vossos pés.
Não posso bordar toalhas para o vosso altar.
Então,
que eu seja santa ao pé do meu fogão.
Que o vosso amor es quente a chama
que eu acendi e faça calar
minha vontade de gemer a minha miséria.
Eu tenho as mãos de Marta.
Mas quero ter também a alma de Maria.
Quando eu lavar o chão,
lave, Senhor, os meus pecados.
Quando eu puser na mesa a comida,
coma também, Senhor, junto conosco.
É ao meu Senhor que eu sirvo,
servindo minha família.*



DE CECILIA MEIRELES

Vou pelo braço da noite
levando tudo o que é meu;
a dor que os homens me deram,
e a canção que Deus me deu.

PUBLICAÇÕES

CRB

NOVA COLEÇÃO: VIDA RELIGIOSA

ADQUIRA NA SUA REGIONAL

- N.º 1 IX ASSEMBLÉIA GERAL DA CRB
Seus discursos
Suas alocuções
O Relatório Trienal
- N.º 2 VIDA RELIGIOSA
E TESTEMUNHO PÚBLICO
J. B. Libânio, SJ
- N.º 3 PERSPECTIVAS CONCILIARES
E RENOVAÇÃO DA ESCOLA CRISTÃ
Ir. Eugênio Alberto Fossá, Lassalista
- N.º 4 VIDA RELIGIOSA E SECULARIZAÇÃO
L. Boff, OFM